UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUÍZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADO EM HISTÓRIA

Isabel Mário Cumbane

Prática de Xitique em Moçambique: O Caso das Mulheres Vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo 1992-2024.

Juiz de Fora

2026

Isabel Mário Cumbane

Prática de Xitique em Moçambique: O caso das mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo, 1992-2024

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cumbane, Isabel Mario.
Pratica de Xitique em Mocambique : O Caso das Mulheres Vendedeiras no Mercado Xiquelene, Cidade de Maputo. / Isabel Mario Cumbane. -- 2026.
78 f. : il.

Orientadora: Fernanda Do Nascimento Thomaz
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2026.

1. Xitique. 2. Mulheres Vendedeiras. 3. Mocambique. I. Thomaz, Fernanda Do Nascimento, orient. II. Título.

Agradecimentos

Antes de mais, agradeço a Deus pela vida, e por ter me concedido saúde para prosseguir com este trabalho. Ao longo desta trajectória de aproximadamente três anos no curso, passei por várias adversidades. Mas, tive o privilégio de ter ao meu redor pessoas que, com suas palávras motivacionais, me ajudaram a enfrentar e ultrapassar todos os desafios com foco e determinação. E quero desta forma, demonstrar o meu reconhecimento e aproveitar esta oportunidade para endereçar:

Os meus sinceros agradecimentos à minha orientadora Profa. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz pelo acolhimento, paciência, dedicação, e principalmente, pelos ensinamentos transmitidos ao longo deste processo. Espero que veja neste trabalho o resultado o resultado dos ensinamentos que transmitiu para mim.

Às professoras Tatiana Raquel Reis Silva e Catarina Casimiro Nascimento Trindade, pelas suas valiosíssimas contribuições no exame de qualificação.

À minha mãe pelos conselhos e ensinamentos transmitidos. Aos meus irmãos pelo apoio moral e emocional que demonstraram ao longo desse percurso. Agradeço em especial á minha irmã Alice Catarina Máro Cumbane, que se disponibilizou a cuidar do meu filho para que eu pudesse continuar com os estudos no Brasil.

Ao meu amado esposo Januário Morgado Salatiel, que sempre esteve ao meu lado me incetivando e motivando ao longo desta tragetória académica.

À todas mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo, que me acolheram em seu meio e aceitaram fazer parte desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, em particular à coordenação do Programa de Pós-Graduação em História por me aceitar como aluna no mestrado. À todos os professores do programa que de alguma maneira contribuíram para o meu desenvolvimento académico. Por fim, agradeço a todos aqueles cujos nomes não mencionei, mas que directa ou indirectamente contribuíram e me apoiaram ao longo deste percurso, a eles um forte abraço.

Resumo

Em Moçambique parte da população, em particular as mulheres, recorre aos sistemas informais de poupança e ajuda mútua para resolver os problemas económicos que surgem no dia-a-dia, sendo o Xitique o sistema mais usado em todo o país.

Xitique é um termo em changana (língua local falada na cidade de Maputo) usado para designar uma prática de poupança e crédito rotativo, que permite as pessoas fazerem poupança entre si, para satisfazer algumas necessidades individuais, familiares ou coletivas.

Neste trabalho analiso a prática de Xitique em Moçambique no período de 1992- 2024, tendo como foco o caso de um grupo de mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo, com o objetivo de trazer o lado cultural da prática. num contexto em que grande parte da literatura consultada aborda o xitique numa perspectiva sócio-económica, deixado de lado o aspecto cultural.

Na literatura consultada sobre esta temática , surgem duas perspectivas de análise em torno do xitique sendo uma social, e outra económica. E assim, o obetivo desta pesquisa é compreender o xitique como prática sócio-cultural e como ao longo do tempo ele vem sendo construido no seio dos grupos sociais formados pelas mulheres vendedeiras no mercado Xiquelene.

Palávras-chave: Solidariedade, redes sociais, entreajuda, cultura e xitique.

Summary

In Mozambique, part of the population, particularly women, resort to informal savings and mutual aid systems to solve the economic problems that arise in daily life, with Xitique being the most widely used system throughout the country.

Xitique is a term in Changana (a local language spoken in the city of Maputo) used to designate a practice of rotating savings and credit, which allows people to save among themselves to meet certain individual, family, or collective needs.

In this work, I analyze the practice of Xitique in Mozambique during the period of 1992-2024, focusing on the case of a group of women vendors at the Xiquelene Market in the city of Maputo, with the aim of highlighting the cultural aspect of the practice. In a context where a large part of the consulted literature addresses Xitique from a socio-economic perspective, leaving aside the cultural aspect.

In the literature reviewed on this topic, two perspectives of analysis regarding Xitique emerge: one social, and the other economic. Thus, the objective of this research is to understand Xitique as a socio-cultural practice and how, over time, it has been constructed within the social groups formed by women vendors at the Xiquelene Market.

Keywords: Solidarity, social networks, mutual aid, culture, and xitique.

Lista de Abreviaturas

AHM- Arquivo Histórico de Moçambique

BM- Banco Mundial

CEA- Centro de Estudos Africanos

FMI- Fundo Monetário Internacional

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

PRE- Programa de Reabilitação Económica

UEM- Universidade Eduardo Mondlane

Sumário

Sumário----------1

1 Introdução----------2

2 O Mercado Xiquelene e o percurso das mulheres nas atividades de comércio informal----------8

2.1 Contextualização hitsórica-social do Mercado Xiquelene e o Densevolvimento do comércio informal----------12

2.2 As mulheres no mercado xiquelene e suas experiências no comércio informal----------16

2.3 Gênero e Participação da mulher no crescimento económico do país----------22

3 A prática de Xitique entre mulheres vendedeiras----------29

3.1 A prática de xitique: Uma breve contextualização----------32

3.2 Xitique entre mulheres vendedeiras ----------40

3.3 A Experiêcia do Grupo "Liranzo" ----------48

4 O Xitique como prática sócio-cultural ---------- 53

4.1 As festas do xitique e o convivio entre as integrantes do grupo------53

4.2 A integração social e a solidariedade---------- 56

4.3 Histórias conectadas e reforço dos laços de amizade ----------60

5 Considerações Finais----------65

6 Referências Bibliográficas----------68

1. **Introdução**

Este trabalho se debruça em torno da prática de Xitique em Moçambique , tendo como foco o caso das mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo. A concepção desta temática vem desde o período em que fazia o curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), no âmbito da realização de uma disciplina ministrada no curso, cujo nome era Antropologia do Económico.

Durante a pesquisa surgiram algumas dificuldades no processo da recolha de dados. A primeira dificuldade esteve relacionada com a aproximação do seu objeto, uma vez que, na minha primeira visita ao mercado tive medo de que a minha investigação não fosse aceite pelas informantes. Eu, pensava que as mesmas não pudessem me atender, alegando que estão ocupadas com os clientes. E para ultrapassar esta dificuldade, no primeiro momento, eu me fiz passar por cliente de uma das informantes, onde adquiri uma roupa em sua banca. A partir daí fui desenvolvendo uma conversa informal com ela, expliquei um pouco sobre a pesquisa e ela concordou em me conceder uma entrevista. Esse mecanismo facilitou a minha aproximação não só a esta, mas também demais vendedeiras.

Um outro elemento curioso durante a pesquisa foi a frequente interrupção das minhas conversas com as vendedeiras devido ao grande fluxo de clientes nas horas em que eu ficava no mercado para fazer as entrevistas, visto que as conversas eram sempre interrompidas para atender os clientes que chegavam. Para ultrapassar este problema, optei em passar a ir para o mercado no período da tarde, porque, nesse período o movimento dos clientes é um pouco fraco, e esse mecanismo ajudou-me bastante no sentido de ter passado a ter mais tempo de conversa com as informantes.

Ao longo do curso, pude constatar que grande parte das pesquisas feitas sobre o xitique, tanto dentro, quanto fora do país, abordam a questão económica e social de forma separada, e, geralmente, a questão cultural era deixada de lado. Na literatura sobre práticas de xitique em Moçambique, surgem duas perspectivas de análise em torno do xitique sendo uma social, e outra económica.

Na perspectiva social, encontramos autores como Teresa Cruz e Silva e Catarina Trindade que olham para o xitique como um mecanismo de solidariedade e de ajuda mútua. E, em contrapartida, na perspectiva económica, o xitique é abordado por

Noémia Nhatsave como um mecanismo financeiro informal que a população recorre para a canalização de suas poupanças.[1]

Esta literatura fornece algumas bases para compreender a prática de xitique entre grupos de vendedeiras e, também, ajuda a percebê-lo nas suas múltiplas dimensões. Mas, apesar de se verificar uma grande evolução da prática de xitique, ainda são poucos os estudos desenvolvidos com vista a procurar compreender este sistema de poupança em grupo como uma prática sócio-cultural que remota ao período colonial, e vem evoluindo e se transformando ao longo do tempo, passando de geração em geração e também, a forma como ele é construído com base em redes de solidariedade.

Para além do reducionismo económico que caracteriza este conjunto de abordagens sobre o xitique, uma outra ideia predominante é a de que as pessoas mais pobres são as que procuram praticar o xitique, como forma de melhorar as carências materiais diárias. Estas percepções constituem para mim uma problemática, visto que, o que se verifica na prática é que o xitique não se reduz apenas à questão económica, e atualmente é bem visível que mesmo as pessoas de classe alta, com as melhores condições de vida, também aderem ao xitique.

Nesta pesquisa, buscamos compreender o xitique como prática sócio-cultural e como, ao longo do tempo, vem sendo construído no seio dos grupos sociais formados pelas mulheres vendedeiras. Nesta perspectiva, estabeleci o Mercado Xiquelene, localizado na cidade de Maputo como local da pesquisa, tendo como recorte temporal o período compreendido entre 1992, que foi o ano do surgimento do mercado, e 2024, momento do inicio da minha pesquisa de campo.

O xitique é uma prática de poupança e crédito rotativo que surgiu no sul de Moçambique em um contexto de transformações sócio económicas, marcadas pela crise a qual Moçambique esteve mergulhado na década de 1980. Esta crise forçou o governo a adotar e implementar o Programa de Reabilitação Económica (PRE), que visava o ajuste estrutural nos moldes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco

[1] CRUZ e SILVA, Teresa. "A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho". O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal ASSOTSI. Genebra: Bureau Internacional, 2005.
NHATSAVE, Noémia André. "Mecanismos Informais de protecção social em Moçambique: O caso de xitique". [Tese de Licenciatura]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2011.
TRINDADE, Catarina Casimiro. "Convívio e Solidariedade: Prática de Xitique em Moçambique". II Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Bahia: Universidade Federal na Bahia/Campus de Ondora, pp.1-12, 2011.

Mundial (BM). Assim, foi levada a cabo uma nova política monetária e fiscal, privatizações no setor público, liberalização da economia e estímulos ao setor exportador.[2]

As práticas como a do xitique, que na literatura internacional são chamadas de "*Rotating Saving and Crédit Associations*" ou "associações de poupança e crédito rotativo" existem um pouco por todo o mundo, em especial em países africanos. Estas práticas apresentam muitas variações em relação a sua designação, tem especificidades e variantes locais, mas ainda assim, as características gerais do seu funcionamento são comuns.

A prática de xitique já era verificada, em Moçambique, no seio do trabalho agrícola e doméstico entre anos 70 a 90 do século XX. Por exemplo, no campo agrícola as pessoas trabalhavam num sistema de ajuda mútua, que na região sul de Moçambique era conhecida por *tsima*, que funcionava como um sistema de troca de mão-de-obra por outra mão-de-obra, ou por alimentos. E esta prática obedecia um sistema rotativo de trabalho na machamba[3] entre os participantes do grupo.

Os indivíduos criavam cooperativas através das quais eles realizavam o trabalho agrícola em conjunto para permitir que as atividades fossem mais leves e terminassem mais rápido. Já, no trabalho doméstico, formavam-se grupos de trabalho num sistema de ajuda mútua como é o caso da busca de água na fontenária, onde as mulheres criavam grupos de apoio em que todas buscavam água em conjunto para abastecer a mesma casa, e criavam uma rotatividade para poder abranger todas as casas.

A área da minha pesquisa é Xiquelene[4], que foi o nome dado a um mercado que oficialmente é conhecido por mercado da Praça dos Combatentes, considerado um dos maiores mercados informais da cidade de Maputo. Neste mercado, o nível de investimentos realizados, a diversidade da oferta de produtos e o movimento de pessoas, que ali circulam, tem crescido significativamente nos últimos anos.

[2] RATILAL, Prakash. " Moçambique 10 anos de paz", organizado por Brazão Mazula, Centro de Estudo de Democracia e Desenvolvimento, Maputo, Moçambique, 2002.

[3] A palávra "machamba" é de origem africana e é amplamente utilizada em países como Moçambique, Angola e Guiné Bissau. Ela se refere a uma área de terra cultivada, geralmente de forma tradicional, para a produção de alimentos e subsistência das comunidades locais.

[4] Uma palavra de origem tsonga(grupo etno-linguístico do sul de Moçambique) que significa um lugar que tem um buraco de grandes dimensões.

O mercado Xiquelene está localizado na cidade de Maputo, no distrito urbano KaMaxaquene, entre os bairros Polana Caniço B e Ferroviário e tem como principal referência a Praça dos Combatentes. Este mercado é tido como um dos maiores mercados informais da cidade de Maputo. No que concerne as características físicas, o Mercado Xiquelene apresenta semelhanças com outros mercados, uma vez que é um espaço onde grande parte das bancas são feitas de material simples como estacas, caniço, e, em alguns casos, de chapas de zinco. Ao redor do mercado existem residências habitacionais que em alguns casos servem como espaço onde os vendedores armazenam as suas mercadorias no final da tarde.

No interior do mercado, as bancas são arrumadas ou organizadas em filas e, separadas por um corredor por onde os clientes passam para apreciar e comprar os produtos expostos. Estas bancas ficam arrumadas todos os dias, das 7 horas as 17 horas. Além das mulheres, encontramos também alguns homens a venderem diversos produtos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas entrevistas com um grupo de mulheres vendedeiras de diversificados produtos no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo. A recolha de dados teve seu inicio em Setembro de 2024, e foram entrevistadas 10 mulheres. Além deste trabalho de campo, realizei pesquisa também na Biblioteca Central da Universidade Eduardo Mondlane, no Centro de Estudos Africanos (CEA), no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), bem como em bibliotecas virtuais e na internet.

A história oral, que é um método importante utilizado nesta pesquisa, que envolve a realização de entrevistas com questões previamente elaboradas. Cabe destacar que a história oral nos ajuda a compreender a prática do xitique bem como a história económica de Moçambique, na medida em que nos fornece técnicas que permitem estabelecer uma relação dialógica com o objeto de pesquisa, neste caso aqui seria com o grupo de mulheres vendedeiras do Mercado Xiquelene. Através de seus métodos, a história oral nos permite resgatar a memoria dos acontecimentos e fatos históricos por meio da realização de entrevistas.

De acordo com Alessandro Portelli, em sua forma mais elementar, as narrativas orais e os testemunhos que constituem a história oral não são mais do que uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador, e, assim estão sujeitas ao mesmo escrutínio critico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e

usabilidade. As fontes orais, então, nos ajudam a questionar as fronteiras que dividem o que diz respeito à história e o que não diz.[5]

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa sobre o xitique em Moçambique, recorremos a entrevista como uma técnica de coleta de dados que é utilizada na história oral para a produção do conhecimento historiográfico. E em relação à esta técnica, Verena Alberti diz que a entrevista de história oral é resíduo de uma ação especifica, qual seja, a de interpretar o passado. Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade dela documentar as ações de constituição de memórias, as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar destacando ao construir o passado de uma forma e não de outra.[6]

Para este trabalho, escolhi estudar a prática de xitique entre as mulheres vendedeiras do Mercado Xiquelene pelo interesse em compreender como se estabelece a interacção entre as vendedeiras daquele espaço, tendo em conta que é um dos mercados mais agitados da cidade de Maputo, e, também, pelo facto de existirem poucos estudos que abordam sobre o quotidiano e práticas desenvolvidas pelas mulheres vendedeiras do mercado durante o exercício de suas actividades.

As entrevistas para esta pesquisa foram feitas, com 10 mulheres vendeiras no interior do Mercado Xiquelene na cidade de Maputo, com idades compreendidas entre 25 e 55 anos de idade, Em termos de proveniência , cinco são de Maputo, duas da província de Gaza e três são provenientes da província de Inhambane. De entre elas, existem mulheres casadas, separadas ou divorciadas, e mulheres solteiras.

Em termos de escolaridade, entre as mulheres vendedeiras que entrevistei no Mercado Xiquelene, o nível máximo concluído é o primeiro ciclo do ensino secundário, onde apenas uma vendedeira afirma ter concluído o primeiro ciclo do ensino secundário e as restantes dizem que desistiram de ir a escola ainda quando frequentavam o ensino primário. Mas apesar da baixa escolaridade que se verifica entre as vendedeiras de roupa, nota-se que todas as mulheres entrevistadas têm um certo domínio da escrita e da

[5] PORTELLI, Alessandro. "História Oral como arte da escuta". São Paulo: Letra e Voz, Cap 1. Pp. 9-25, 2016.
[6] ALBERTI,Verena. "O que documenta a fonte oral" publicado como "o que documenta a fonte oral: a ação da memoria" em Alberti,Verena. Ouvir Contar. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV Ed, 2004, Pp. 35, 1996.

leitura, visto que elas possuem cadernos que usam para registar as movimentações diárias do seu negócio.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é intitulado "O mercado Xiquelene e o percurso das mulheres nas atividades de comércio informal". Nele, buscamos fazer uma reflexão sobre o processo histórico social da constituição e configuração espacial do Mercado Xiquelene, sua caracterização física e, também discutimos o percurso das mulheres vendedeiras e sua relação com o mercado.

No segundo capitulo, intitulado "A prática de Xitique entre mulheres vendedeiras" apresentamos a contextualização histórica do surgimento do xitique em Moçambique. Descrevemos como ocorre esta prática entre as mulheres vendedeiras, trazemos uma reflexão sobre o xitique como uma rede social e sobre os tipos de xitique existentes, praticados em Maputo. Além disso, apresentamos o estudo de caso do grupo "liranzo" que traduzindo para a língua portuguesa quer dizer "amor", um dos maiores grupos de xitique que encontramos dentro do mercado xiquelene.

Já no terceiro capitulo intitulado "A Função sócio-cultural da prática de Xitique", debruçamos sobre alguns aspetos sócio-culturais do xitique, tais como, as festas, o convívio entre as integrantes dos grupos, a integração social e a solidariedade. Refletimos também, como as histórias dessas mulheres se conectam através da troca de dinheiro e bens.

2. O Mercado Xiquelene e o percurso das mulheres nas atividades de comércio informal

Este capítulo tem como objetivo trazer uma reflexão sobre o processo histórico social da constituição e configuração espacial do Mercado Xiquelene , sua caracterização física e, também refletimos sobre o percurso das mulheres que fizeram parte desse estudo e sua relação com o mercado. O Mercado Xiquelene surge por volta de 1992, após o fim da guerra civil[7] em Moçambique. Testemunhas oculares contam que no interior do bairro Ferroviário, na cidade de Maputo, existia um buraco enorme onde se tirava areia vermelha para a construção de estradas. E, foi ao lado desse buraco que surgiu um pequeno mercado que passou a ser chamado Xiquelene, que na língua local changana significa buraco. Ao longo do tempo, o mercado foi crescendo até invadir o local da praça dos combatentes, onde tem um grande terminal de transportes públicos que ligam quase todos os pontos da cidade de Maputo.

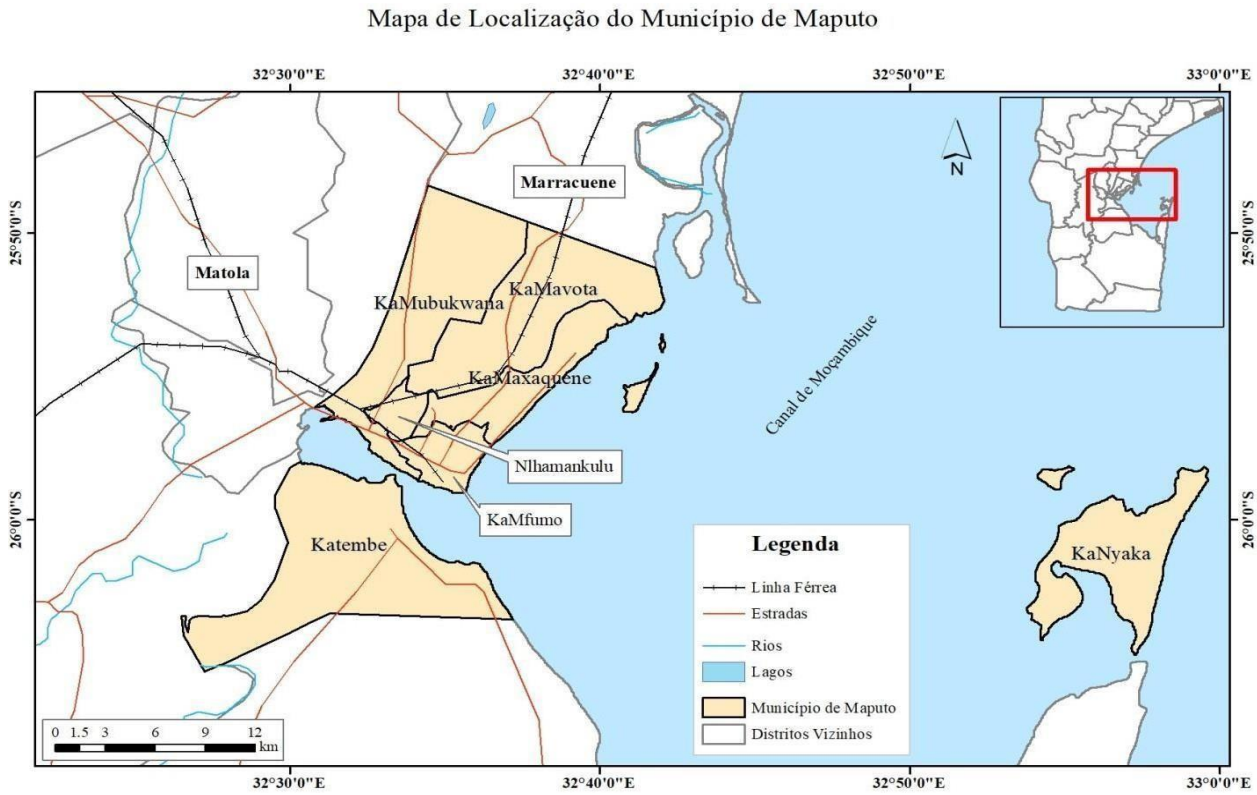
O mercado Xiquelene está localizado na cidade de Maputo, Moçambique, no distrito urbano KaMaxaquene, entre os bairros Polana Caniço B e Ferroviário e tem como principal referência a Praça dos Combatentes.



Figura 1: Mapa de Moçambique

[7] A guerra civil em Moçambique, também conhecida como a guerra dos dezasseis anos, foi um conflito armado que começou em 1977, dois anos após a proclamação da independência do país.

Figura 2: Mapa da localização da cidade de Maputo



Fonte: Mapa elaborado com base nos dados do CENACARTA, 2019

A cidade de Maputo está localizada na costa sudeste do continente africano e no extremo sul do pais, sendo a capital e a maior cidade de Moçambique. Os seus limites são: a norte, o distrito de Marracuene; a noroeste e oeste, o Município da Matola; a oeste, o distrito de Boane; a sul, o distrito de Matutuíne.

O distrito urbano KaMaxaquene é um dos sete distritos municipais da cidade de Maputo, conhecido por ter maior densidade populacional da cidade, com cerca de 16.936 (dezasseis mil novecentos e trinta e seis) habitantes por quilómetro quadrado, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística[8]. O bairro Polana Caniço "B", é uma das subdivisões do bairro Polana Caniço, um dos mais antigos bairros da cidade de Maputo que, surgiu, em 1940, ainda durante o período colonial. Este se desenvolveu como um

[8] Instituto Nacional de Estatística. "Resultados Preliminares do IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2". Maputo Cidade, 2017.

subúrbio[9] residencial, com casas feitas de caniço, madeira e chapas de zinco. Com o passar dos anos, Polana Caniço evoluiu, tornando-se uma área diversificada, com uma mistura de culturas e comunidades. E atualmente, o bairro é conhecido pelo seu comércio local movimentado, ruas agitadas e uma variedade de serviços.[10] O bairro ferroviário é também, dos mais antigos da cidade de Maputo, caraterizado pela sua proximidade com as linhas férreas e por ser uma área residencial e de serviços mais voltados para as necessidades de quem trabalha e transita pelas linhas férreas.

Figura 3: Monumento da praça dos combatentes e terminal de autocarros.

[9] Subúrbio é uma zona geográfica ao redor de um centro urbano, que pode ser caraterizada por ser predominantemente residencial, com baixa densidade de construção, e com uma dependência funcional e estrutural da cidade principal.

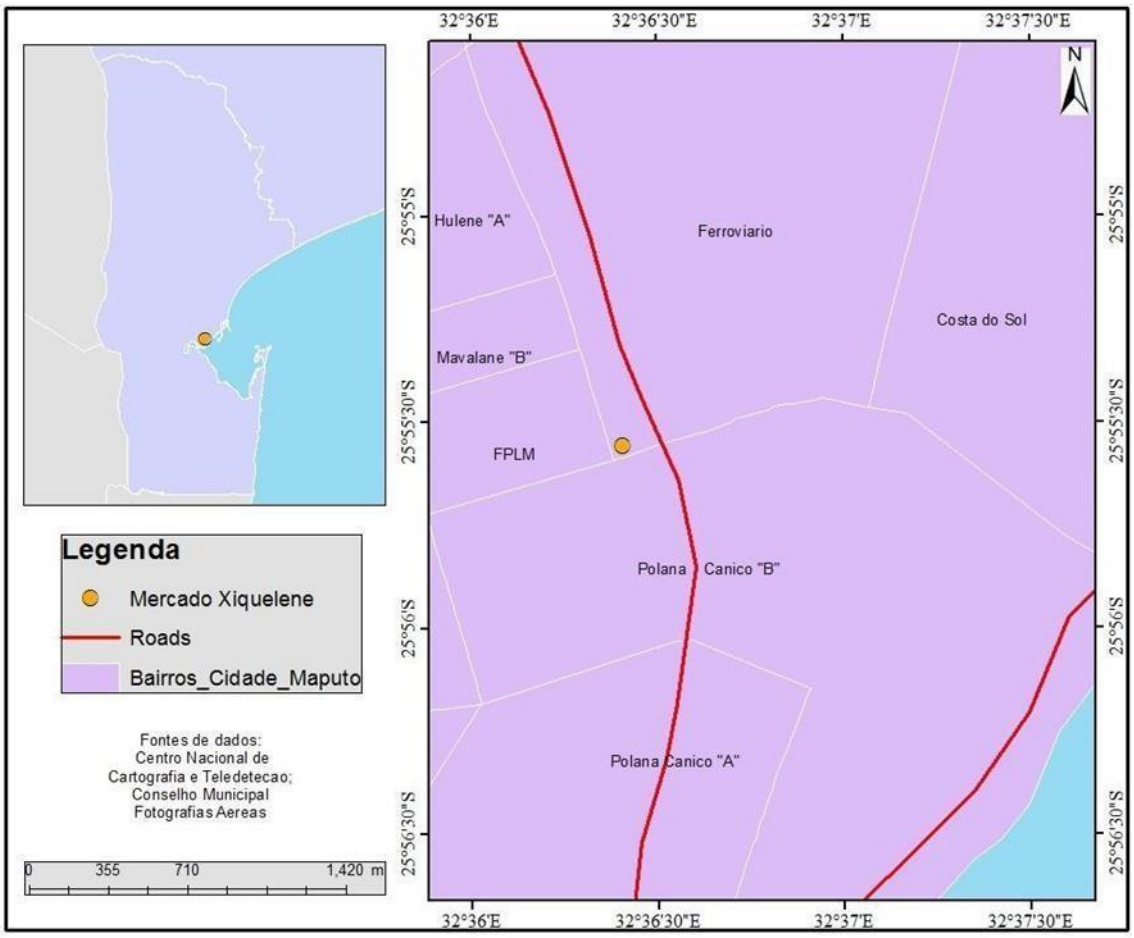
[10] MIGUEL, Afonso.”Quando a Urbanização Gera Exclusão e Perda de Privacidade: Uma Análise a Partir Do Processo de Urbanização Do Bairro “Polana Caniço”, na Cidade de Maputo.” Trabalho de Culminação de Estudos apresentado no Departamento de Arqueologia e Antropologia, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2025.



Fonte: Isabel Mário Cumbane,2025

A praça dos combatentes, espaço ocupado pelo Mercado Xiquelene, é um local histórico de homenagem aos mais de 3.000 combatentes que perderam suas vidas durante a luta pela libertação de Moçambique, com seus nomes gravados em um mural no monumento central. Com o monumento inaugurado em 2019, a praça enfrenta desafios ligados à conservação e segurança para evitar a degradação e o uso indevido do local. Ela é vista como um símbolo de força de Moçambique.

Figura 4:Mapa de localização do Mercado Xiquelene



Fonte: Conselho Municipal da Cidade de Maputo 2016.

O Mercado Xiquelene é tido como um dos maiores mercados informais da cidade de Maputo, onde, o nível de investimento realizado e, a diversidade da oferta de produtos e o movimento de pessoas, que ali circulam, têm crescido significativamente nos últimos anos. Neste espaço, confluem diariamente centenas de milhares de pessoas, que frequentam por um lado o mercado, e por outro, o maior e mais movimentado terminal rodoviário de Maputo ligando, o centro da cidade à todas as ruas e avenidas principais e bairros da cidade e da província.

O Mercado Xiquelene, é um espaço aberto e enorme onde diariamente se realizam trocas comerciais. É conhecido pelas suas características singulares, tais como a precariedade do material usado para a construção das bancas, bem como os problemas de saneamento relacionados com as péssimas condições das valas de drenagem e o excesso do lixo acumulado diariamente. O mercado está sob jurisdição do Conselho Municipal da cidade de Maputo, e sua estrutura administrativa é composta por um chefe de mercado, um fiscal, os adjuntos do fiscal e uma secretária.

2.1 **Contextualização histórica-social do Mercado Xiquelene e o Desenvolvimento do comércio informal**

Como já foi mencionado acima, o Mercado Xiquelene surge em 1992. No interior do bairro ferroviário na cidade de Maputo existia um buraco enorme onde se tirava areia vermelha para a construção de estradas. Ao lado desse buraco surgiu um pequeno mercado que passou a ser chamado Xiquelene que na língua local changana significa buraco. [11]Ao longo do tempo o mercado foi crescendo até invadir o local da praça dos combatentes.

Atualmente o nome do mercado tem dividido opiniões, visto que, a população o chama de Xiquelene, enquanto o conselho municipal o apelida de mercado da Praça dos Combatentes. As pessoas que defendem o nome Xiquelene argumentam que este seria o nome ideal devido ao fator histórico do seu surgimento e por estar na língua local, o que simboliza as tradições e valorização das línguas locais que é considerado um dos pilares da cultura moçambicana. [12]

Nicole Paganini e Rosa Ouana, em seu trabalho de pesquisa realizado na Província e Cidade de Maputo afirmam que, o mercado xiquelene está baseado na formalidade. No entanto, nele encontramos também, vendedores informais, o que permitiu que, o nível de investimentos realizados, a diversidade da oferta de produtos e o movimento de pessoas que circulam naquele espaço comercial, tenha crescido significativamente nos últimos anos.[13]

Os vendedores informais, também chamados de "ambulantes", são aqueles que exercem a atividade de comércio ilegalmente, não pagam impostos, não tem licença que lhes autoriza a venda e não possuem um local fixo para comercializar seus produtos.[14] Na maioria dos casos, esses vendedores passam o dia a circular pelos corredores do mercado com seus produtos pendurados nos braços ou carregados na cabeça, ou então, a

[11] Jornal Verdade. "Xiquelene: Um mercado Parasita". 16 de Julho,2016. Disponível em https://verdade.co.mz. Acessado em 7 de Julho de 2025.

[12] Jornal Verdade. "Xiquelene: Um mercado Parasita". 16 de Julho,2016. Disponível em https://verdade.co.mz. Acessado em 7 de Julho de 2025.

[13] Paganini, Nicole. & Ouana, Rosa da Fernanda. "Mercados Locais na Província e Cidade de Maputo". SLE Study, 2019.

[14] TAFULA, Rosa Alberto. "Estratégias de Negócio Informal no Mercado Malanga, cidade de Maputo, Moçambique". Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane: Maputo, 2023.

cada dia encontram um lugar do lado de fora, bem na entrada do mercado, onde estendem seus sacos ou panos, e ali expõem e comercializam os produtos.

Figura 5: Vendedores informais



Fonte: Isabel Mário Cumbane,2025

Ao redor do mercado, é muito comum encontrar pessoas a venderem nos passeios ao lado da estrada, mulheres que circulam dentro e fora do mercado vendendo água gelada e refrigerantes, crianças e adolescentes que se dedicam à venda de sacolas plásticas, assim como podemos também encontrar alguns jovens que ficam parados na entrada do mercado a espera de serem chamados para carregar as compras das pessoas até ao local onde costumam apanhar o transporte. Nas primeiras horas do dia, dentro do mercado, um grupo de mulheres circula com chaleiras, açúcar, folhas de chá ou ainda leite em pó, prontas a servir o matabicho (café da manhã), cujo preço varia de acordo com o que o cliente deseja tomar. E por volta do meio dia, vemos outras mulheres que cozinham e vendem comida já confeccionada para os vendedores e frequentadores do mercado.

No que concerne às características físicas, o Mercado Xiquelene apresenta semelhanças com outros mercados, uma vez que é um espaço onde grande parte das bancas são feitas de material como estacas, caniço, e em alguns casos por chapas de zinco. Em redor do mercado existem residências habitacionais que em alguns casos servem como espaço onde os vendedores armazenam as suas mercadorias no final da tarde. No interior do mercado, as bancas são arrumadas ou organizadas em filas e separadas por um corredor por onde os clientes passam para apreciar e comprar os produtos expostos. Estas bancas ficam arrumadas das sete horas às dezassete horas, todos os dias.

Para além das mulheres encontramos também alguns homens a venderem diversos produtos. A presença de homens no Mercado Xiquelene é mais notável nas mercearias, nos locais de venda de material eléctrico e de construção, nas vendas de bebidas alcoólicas, sapatos e no setor de reparação de electrodomésticos e celulares.

O Mercado Xiquelene está dividido em três partes: A primeira parte é o parque do terminal dos transportes semi-colectivos de passageiros, e bem na entrada do parque ficam os operadores de câmbio informal, atrás do parque encontramos os alfaiates organizados em fileiras e também existe ali uma agência bancária. Ainda nesta primeira parte, se encontram pequenas mercearias dedicadas à venda de produtos de primeira necessidade, bancas de venda de roupas usadas, capulanas, mucumes[15] e lenços, pequenas lojas de venda de roupas, bolsas e sapatos, e por fim, bancas onde se comercializam remédios tradicionais preparados na base de ervas.

Figura 6: Entrada do parque do mercado xiquelene.

[15] "Mucume" refere-se a uma peça de vestuário composta por duas capulanas(tecidos tradicionais africanos) unidas por uma aplicação de renda branca. É uma peça de roupa feminina, usada para cobrir o corpo, muitas vezes como uma saia ou um vestido.



Fonte: Isabel Mário Cumbane,2025.

Na segunda parte do mercado, que é chamada senta baixo, é onde se encontram bancas improvisadas no chão, como ilustra a fotografia abaixo, onde as pessoas apenas estendem um saco ou um pano para colocarem os produtos à venda. Nesta área, vendem legumes, temperos, mariscos, coco, amendoim, milho, e no mesmo espaço foi possível observar que também existem algumas barracas de venda de produtos de primeira necessidade, cabelos postiços, e talhos de venda de variedade de carnes.

Figura 7: Interior do mercado xiquelene



Fonte: Isabel Mário Cumbane.2025.

Já a terceira e última parte do mercado, é reservada à venda de peças de carro e material eléctrico, dispositivos electrónicos tais como celulares, venda de comida confeccionada, bebidas alcoólicas, utensílios domésticos, loja de venda de milho e coco, e, por tem as ferragens(pequenas lojas de venda todo tipo de material de construção).

Durante a pesquisa etnográfica no interior do mercado xiquelene foi possível observar que os setores de venda de roupas usadas, verduras e legumes, amendoim, frutas, mariscos e comida confeccionada são dominados maioritariamente por mulheres. Já os setores de venda de peças de carro, material eléctrico e material de construção são dominados pelos homens.

2.2. As mulheres no Mercado Xiquelene e suas experiências no comércio informal.

A partir do arrazoado acima, é importante destacar a discussão em torno do conceito de comércio ou setor informal, diante do percurso das mulheres vendedeiras no mercado Xiquelene, e de suas experiências no comércio informal, refletindo sobre sua relação com o mercado. Para Tatiana Silva, o comércio informal é um conjunto de atividades económicas que não pagam impostos:

> Em geral, considera-se como "informal" as atividades económicas d que não pagam impostos. No entanto, as fronteiras entre os setores "formal" e "informal" ficam ambíguas, na medida em que há grandes empresas formais" que fogem das suas obrigações fiscais, enquanto que muitos vendedores "informais" pagam diariamente taxas aos agentes municipais.[16]

O setor informal é definido por Bekkers e Stoffers como um conjunto de unidades dedicadas à produção de bens ou prestação de serviços, com a finalidade primordial de criar empregos e gerar receitas para os participantes nessa atividade. Normalmente são atividades de pequena escala e com um baixo nível de organização, onde as relações de trabalho não são baseadas em acordos contratuais que pressupõem garantias formais.

[16] SILVA, Tatiana Raquel Reis. A arte de comerciar: género, identidades e empoderamento feminino no comércio informal transatlântico das rabidantes cabo-verdianas. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

No seu estudo sobre as dinâmicas de desenvolvimento em Cabo Verde, Armindo Espírito Santo mostra que, no contexto africano atual, os agentes do setor informal constituem um elemento importante e fundamental para o desenvolvimento destes países:

> Não vamos aqui discutir a história da origem do informalismo porque não é este o objectivo desta investigação, mas sim abordar o sector informal, e sobretudo o papel dos seus agentes na sociedade africana actual como elemento importante do desenvolvimento, pela relevância que assume na vida das pessoas desses países.[17]

O mesmo autor afirma ainda que, ao contrário do que é observado nos países desenvolvidos, nas nações em desenvolvimento, o sector informal da economia abrange praticamente todas as actividades mercantis, ou seja, ele abrange a comercialização de todo tipo de produtos, e influencia as dinâmicas socioculturais nesses países. E isso justifica o seu estudo aprofundado.

No que diz respeito ao continente africano, o sector informal manifesta uma clara tendência de crescimento e isso obriga, para o bem desses países, a adopção de medidas eficazes para a sua melhor estruturação e apoios sustentados para garantir o seu desenvolvimento, tendo em consideração não só a sua inegável importância em termos económicos e sociais, mas sobretudo a sua dinâmica na transformação sócio-cultural desses países.[18]

A economia informal é, de acordo com Patrícia Gomes, fruto das migrações e da urbanização acelerada pela qual passaram grande parte dos países em vias de desenvolvimento na década de 1970. O fenómeno do subemprego urbano surgiu como forma de ultrapassar as limitações impostas pelo desemprego e pelos baixos salários. Na Guiné-Bissau, país onde realizou uma pesquisa sobre mulheres no setor informal, a visão do sector informal como um fenómeno relativo à "livre iniciativa" se consolidou em boa parte graças às mudanças de

[17] ESPÍRITO SANTO, Armindo. Empresário, ambiente cultural e desenvolvimento em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: os rabidantes de Santiago e os candongueiros de São Tomé: uma abordagem comparativa das suas dinâmicas. 2011. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

[18] ESPÍRITO SANTO, Armindo. Empresário, ambiente cultural e desenvolvimento em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: os rabidantes de Santiago e os candongueiros de São Tomé: uma abordagem comparativa das suas dinâmicas. 2011. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

concepção das políticas de desenvolvimento económico no início dos anos oitenta, para as quais o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial contribuíram de forma decisiva".[19]

Já no contexto moçambicano, Teresa Cruz e Silva define o setor informal como o local da realização de pequenos negócios que envolvem apenas o proprietário e membros de sua família:

> Embora essa problemática esteja fora do foco da nossa discussão, convém observar que, no contexto deste estudo, o sector informal se refere particularmente ao pequeno negócio, que envolve com frequência apenas o proprietário e um ou dois membros da família e, nalguns casos mais raros, um ou dois empregados.[20]

Os mercados informais em Moçambique e, principalmente, na cidade de Maputo, surgem, de acordo com Cruz e Silva, como resultado do desenvolvimento descontrolado da cidade, com acentuados níveis de pobreza diante do crescimento das taxas de desemprego, com a redução de oportunidades e com o crescimento da exclusão. O que, deixava a maioria dos cidadãos, com poucas possibilidades de emprego no setor formal, tendo como agravante, o próprio sistema produtivo urbano, baseado em serviços, na indústria e num sistema de capital intensivo, ficando como única alternativa o emprego no sector informal.

O setor informal surge com vista a satisfazer uma necessidade, ou mesmo como um meio alternativo de sobrevivência. E é predominantemente mais operado pela população mais desfavorecida porque ele se transforma numa fonte de rendimento. No contexto do mercado xiquelene, as mulheres desempenham um papel crucial no comércio informal, enfrentando diariamente desafios e oportunidades únicas. A participação feminina no setor informal tem sido muito significativa, e é motivada pela busca por autonomia financeira e também pela falta de alternativas no setor de trabalho

[19] GOMES, Patrícia. As mulheres no sector informal: experiências da Guiné-Bissau. Ciclo de encontros sobre empreendedorismo - Newsletter1.Évora,2012,pp.1-22.Disponívelem:https://www.cisa as.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Patricia%20Gomes.pdf. Acesso em: 15 Maio. 2025.

[20] CRUZ E SILVA, Teresa. Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, out. 2002, 75-89.

formal. Entretanto, as mulheres se deparam com diversos obstáculos, como por exemplo o acesso limitado a crédito, ausência de formação profissional e a precariedade das condições de trabalho.

Neste sentido, o Mercado Xiquelene e o comércio informal representam para as mulheres como um espaço importante, mas também como um ambiente caracterizado por desafios significativos. Mas, ao mesmo tempo, essas vendedeiras são uma parte importante para o desenvolvimento e crescimento da economia local e desempenha um papel fundamental na vida da comunidade.

Em relação ao percurso e experiências das mulheres do Mercado Xiquelene no comércio informal, as informantes desta pesquisa afirmam que chegaram lá através de um amigo ou familiar, que já exerciam as suas actividades no local, como é o caso da Nhelete Langa, vendedeira de roupas, de 30 anos de idade:

> Comecei a trabalhar aqui no mercado Xiquelene no princípio de 2020 através de uma minha prima, que sabendo dos meus problemas financeiros, falou com o dono de uma mercearia que ficava ao lado da loja onde ela trabalhava na altura, para que me empregasse e assim aconteceu. Depois que comecei a trabalhar eu sempre apreciava ser como aquelas mulheres que eu via com negócios próprios sem trabalhar para ninguém e assim, aos poucos eu juntei dinheiro para abrir esse meu negócio de roupas que eu faço atualmente.[21]

Uma outra informante, a dona Wanga Dimande de 43 anos de idade, afirma que conseguiu se inserir no mercado com a ajuda de uma amiga que já exercia a atividade de comercialização de verduras:

> Eu vim da província de Inhambane por conta do casamento e eu não trabalhava apenas cuidava da casa e da família. Quando fui abandonada pelo meu marido e comecei a passar muitas dificuldades com meus filhos, uma amiga minha que vende aqui é que me ajudou a iniciar um negócio, comecei com ela a ir nas machambas com meu saco também para comprar alface e couve, depois sentava aqui no xiquelene vender e com isso eu conseguia dar de comer os meus filhos. Depois ao decorrer do tempo eu vi a necessidade de expandir mais, e foi dai que eu aluguei esta banca aqui para poder vender mais produtos além das verduras.[22]

A partir do depoimento das duas informantes acima citadas, podemos perceber que os amigos e familiares, são as peças chaves para se conseguir um espaço ou colocação no

[21] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Nhelete Langa, uma vendedeira de roupa, de 30 anos de idade, dia 4 de Julho de 2025.
[22] Entrevista feita por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a dona Wanga Dimande, no dia 12 de Julho de 2025.

mercado informal. Segundo as mulheres que participaram da pesquisa, o mercado informal, especificamente o Mercado de Xiquelene, não é de fácil acesso, visto que, para começar o negócio no mercado, existem elementos fundamentais que o indivíduo deve possuir. Esses elementos são baseados no parentesco, o que quer dizer que o iniciante deve estabelecer um vínculo familiar com os vendedores mais antigos do mercado ou com os trabalhadores da área administrativa do mercado, como também é baseado na proveniência, ou seja, o iniciante deve possuir um amigo que seja vendedor mais antigo que é oriundo da mesma província ou bairro. É possível com o relato da senhora Chonguile Cuamba de 40 anos de idade, vendedeira há 10 anos:

> No início das minhas actividades aqui no mercado eu trabalhava como vendedora ambulante, era encarregada de levar algumas roupas da banca da minha patroa para ir vender nos passeios fora do mercado e por vezes eu tinha que circular o dia inteiro pelo mercado todo a procura de clientes com as roupas penduradas no meu braço. Depois de um tempo eu vi a necessidade de criar meu próprio negócio, mas como as coisas aqui não são fáceis quando você não tem conhecidos, tive que falar com uma tia minha que conhecia um senhor que tinha bancas para alugar, e conversei com algumas colegas do mercado para me ajudar com a questão da aquisição dos fardos de roupa para revender. [23]

Muitas mulheres que atualmente encontramos no Xiquelene como donas de seus próprios negócios, com suas próprias bancas ou lojas, entraram naquele mercado como funcionárias, trabalhavam para outras pessoas e enfrentavam diversos desafios ligados às condições de trabalho em que se encontravam sujeitas. Mas, ao longo do tempo, viram a necessidade de acumular recursos e investir em criar seus próprios negócios para melhorar ainda sua condições de vida.

Para o iniciar o negócio, em muitos momentos, as mulheres precisaram recorrer aos empréstimos bancários, tendo que colocar alguns bens valiosos e, até mesmo suas próprias casas, como garantia para o banco que dá o empréstimo, conforme o relato da Quina Machava, de 36 anos de idade:

> Eu trabalho com letra[24], quando decidi abrir meu próprio negócio fui pedir dinheiro emprestado no banco Socremo. Levei esse dinheiro fui até a província de Nampula onde comprei 20 sacos de amendoim e 15 sacos de

[23] Entrevista por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a senhora Chonguile Cuamba, no dia 10 de Julho de 2025.

[24] Uma expressão muito usada em Moçambique para se referir ao empréstimo bancário.

> feijão, voltei a Maputo comecei a vender, e no mês seguinte já comecei a pagar minha divida com o banco aos poucos até conseguir terminar.[25]

No mercado existe uma comissão de vendedores que é responsável por elaborar uma tabela com os preços máximos pelos quais cada produto deve ser comercializado. Então, antes de começarem a comercializar seus produtos, as vendedeiras primeiro devem procurar ter acesso a essa tabela, porque não se admite que o vendedor estipule preços que deixam os seus concorrentes em desvantagem, ou que pareça extorsão aos olhos do cliente.

Dependendo do tipo de produtos comercializados, algumas vendedeiras dizem que possuem dois tipos de clientes: os clientes que aparecem ocasionalmente; e aqueles clientes que consideram fixos. E quanto a esses clientes fixos, tem lhes atribuído algumas regalias, como por exemplo o desconto no preço, devido à preferência nos seus produtos. Quando esses clientes fixos aparecem em busca de um produto que não tenha no seu estabelecimento, as mesmas costumam passar essa clientela para as suas colegas. E sobre isso uma de nossas informantes, khensa Covane de 30 anos de idade disse:

> Diariamente, recebemos todo o tipo de cliente, há aqueles que só aparecem de vez em quando ou ocasionalmente para na banca porque viu algo que lhe interessou, e também temos os nossos clientes fixos. Os clientes fixos têm direito a descontos ou bónus, e quando solicitam algum produto que não tem aqui na minha banca, nós mandamos para uma outra de uma amiga ou colega próxima.[26]

As participantes da pesquisa afirmam que cada estabelecimento comercial dentro daquele mercado, possui algumas normas que os seus trabalhadores devem seguir desde o horário de chegada, os dias da semana em que devem trabalhar, o horário de saída, e o tipo de tratamento que devem oferecer aos clientes, apesar dessas normas não serem conhecidos sob ponto de vista legal.

Para conservar o dinheiro obtido nas vendas diárias, as vendedeiras dispõem de algumas práticas, como o uso de carteiras feitas de tecido, que ficam amarradas na cintura, e, no final do dia, elas depositam parte desse dinheiro em um banco para guardar com segurança. E também, elas recorrem à prática do xitique para guardar dinheiro. O

[25] Entrevista feita por Isabel Máio Cumbane a uma mulher vendedeira chamada Quina Machava, no dia 10 de Julho de 2025.
[26] Entrevista por Isabel Mário Cumbane a dona Khensa, no dia 4 de Julho de 2025.

xitique é uma prática de poupança onde, um grupo de indivíduos se junta e combina um valor que é contribuído e entregue a uma pessoa de forma rotativa, até abranger todos elementos do grupo, esse xitique pode ser diário, semanal, quinzenal ou mensal.

O percurso das mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene é marcado por desafios ligados à falta de acesso a recursos e infra-estruturas adequadas para o exercício de suas atividades. No entanto, mesmo em meio a essas dificuldades quotidianas, essas mulheres sempre demonstram resiliência e criatividade na busca por sustento e melhores condições de vida. Muitas delas vem de contextos de extrema pobreza e encontram no comércio uma oportunidade de garantir o sustento familiar, oferecendo aos seus clientes uma variedade de produtos, desde alimentos (como frutas, verduras, vegetais e legumes) até roupas, calçados, produtos de beleza, entre outros.

2.3. Género e Participação da mulher no crescimento económico do país

Neste tópico, procuramos trazer uma reflexão sobre a questão de género em Moçambique e o papel que a mulher desempenha para o crescimento económico do país desde o período colonial até ao período atual. De acordo com Tatiana Silva, o inicio da utilização do termo género apareceu como um conceito que serviu para indicar a rejeição do determinismo biológico que era muito usado até os anos 1970:

> A utilização do termo "género", empregado desde o fim dos anos 1970, apareceu primeiramente entre as feministas estadunidenses. O conceito indicava uma rejeição ao determinismo biológico no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O género enfatizava o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Alguns estudos argumentavam que as mulheres eram vistas de maneira demasiado estreita e separada".[27]

Ao analisar o conceito de género e o modo como ele se situa na esfera social, Heleieth Saffioti (1992) citado por Tatiana Silva, procurou identificar a relação dominação-exploração entre homens e mulheres. Segundo a autora, as relações sociais de sexo ou as relações de género se instauram no campo do poder, sendo a dominação e a exploração faces de um mesmo fenómeno.

[27] SILVA, Tatiana Raquel Reis. A arte de comerciar: género, identidades e empoderamento feminino no comércio informal transatlântico das rabidantes cabo-verdianas. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

Em Moçambique, as desigualdades de género estão enraizados em estruturas históricas e culturais do país, que foram moldadas pelo colonialismo e pelo patriarcado[28]. Esses dois sistemas impuseram normas específicas sobre cuidado, sexualidade e maternidade, restringindo assim a autonomia das mulheres, sobretudo das mulheres negras.

Na região sul de Moçambique, que é de base patriarcal, as mulheres não possuem autonomia e geralmente são dependentes dos maridos, porque, foram adquiridas a partir do pagamento do lobolo[29] como efetivação do casamento. De acordo com José Bohn, nesse contexto e, para alguns homens, a mulher é um bem que deve ser adquirido para demostrar poder e que a sociedade local considera um valor financeiro devido a prática de dotes.[30] O mesmo autor afirma ainda que, nestas sociedades do sul de Moçambique, a mulher constitui um grande valor social e económico, visto que é quem realiza a maior parte dos trabalhos agrícolas e todos os trabalhos dentro de casa. Além disso, é geradora de filhos, e, caso seja estéril, acaba sendo rejeitada pelo marido e pela família dele.

Em Moçambique, os debates sobre o género começam a se notar no âmbito da participação da mulher na luta armada, quando, começa a se buscar percepções sobre o papel da mulher e as relações entre homens e mulheres.

De acordo com Isabel Casimiro, os debates sobre as questões de género e sobre a emancipação da mulher na Luta Armada, e constituíram um ponto de ruptura em relação ás características da luta e ao tipo de sociedade a edificar, depois da tomada de poder. Os resultados desses debates são reveladores das

[28] O patriarcado em Moçambique é um sistema estrutural de dominação masculina, enraizado em práticas tradicionais como por exemplo o lobolo (troca de bens no casamento), e ritos de iniciação que promovem a submissão feminina, fragilidade física e obediência. Este sistema patriarcal limita as mulheres ao espaço doméstico, limita tomada de decisões sobre o próprio corpo, educação e saúde.
[29] O lobolo é uma de casamento tradicional comum em Moçambique e no sul da África, onde a família do noivo entrega bens ou valores monetários á família da noiva . Esta prática representa o pedido de casamento e a união entre as duas famílias.
[30] BOHN, José Plácio. "Quando tocam os tambores: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas". CANOAS, 2009.

contradições existentes na sociedade e em relação à percepção construída sobre o papel da mulher e sobre as relações destas com os homens.[31]

Casimiro afirma ainda que, enquanto sujeito histórico, a mulher adquiriu o seu protagonismo em Moçambique através do movimento nacionalista unificado, com a criação da FRELIMO, em Junho de 1962. Na sua procura de identidade cultural e de afirmação de uma identidade nacional, o movimento nacionalista em Moçambique criou condições para o engajamento de mulheres e homens na luta contra o colonialismo.

Através do envolvimento das mulheres na luta armada, começaram a se quebrar alguns pensamentos anteriores sobre a forma como a mulher era vista e considerada na sociedade, e iniciam as relações de género que se baseavam na igualdade de deveres e direitos. Assim, a luta de libertação contra o colonialismo, foi de certa forma um princípio para a luta de libertação das mulheres.

Desde o tempo colonial, em Moçambique, o discurso que gira em torno da questão do poder das mulheres sempre esteve associado à sua presença e participação em dinâmicas culturais, sociais, económicas e politicas do país. Ao longo de todo esse período, a figura da mulher em Moçambique esteve sempre ligada às atividades apenas dentro do espaço familiar e de apoio à comunidade.

Durante o tempo colonial, as mulheres tinham como tarefas, sobretudo as ligadas à garantia do sustento familiar, produção agrícola e da assistência alimentar, remetendo aos homens a participação, com o seu trabalho braçal, na concretização dos projetos coloniais.

A participação das mulheres no trabalho assalariado/chibalo acontecia sobretudo quando os maridos estavam ausentes ou nos períodos de maior falta de mão-de-obra, ou por necessidade de mão-de-obra barata, por outro lado, ela aparecia nas culturas obrigatórias, mas lado a lado com os maridos. O papel da mulher moçambicana no seio da família, da sociedade e do estado, registou marcos importantes ao longo da história desde os tempo da luta pela independência

[31] CASIMIRO, Isabel. "Paz na terra, Guerra em casa" Feminismo e organizações de Mulheres em Moçambique. Universidade Federal de Pernambuco. 376 páginas, 2004.

nacional. Durante a luta pela libertação do país, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)[32] promoveu a integração e participação ativa da mulher, através do Destacamento Feminino, não só em atividades produtivas e acções de âmbito social, como também em frentes de combate.

Enilde Sarmento , no seu artigo intitulado "O papel a Mulher no Desenvolvimento: O caso de Moçambique", faz uma breve e importante discussão em torno do lugar que a mulher em Moçambique ocupa no contexto do desenvolvimento sócio-económico. Além disso, a autora aborda também a questão da introdução da categoria ou conceito de género na macroeconomia para a compreensão da realidade do mercado moçambicano onde as mulheres constituem uma estrutura de intervenção na sociedade, que contribui bastante para o desenvolvimento da economia no pais. [33]

De acordo com Ana Loforte , a presença das mulheres no mercado de trabalho, trouxe mudanças significativas em relação à divisão do trabalho e a participação feminina nos processos de tomada de decisão. Antes, a tarefa das mulheres estava ligada aos cuidados da família, visto que, os homens eram quem realizavam as atividades remuneradas fora de casa e garantiam o sustento de suas famílias.

Na visão de Brazão Mazula, a entrada da mulher no mercado de trabalho foi um processo de princípio lento pela história que o país apresentava. Para este autor, o domínio colonial não criou condições que valorizassem a formação e emprego da mulher devido a natureza da sociedade moçambicana e o carácter de divisão de responsabilidades e de papéis entre homens e mulheres. Isso influenciou no menor acesso à profissionalização das mulheres em detrimento dos homens, uma vez que na maioria das comunidades rurais moçambicanas é difícil desligar a figura da mulher do papel doméstico, da função natural e primaria de progenitora e educadora dos filhos.[34]

A partir do momento em que as mulheres começam a se fazer presentes no mercado de trabalho, estas já não são mais associadas apenas as tarefas domésticas como era antes, de acordo com Ana Maria Loforte:

---

[32] Movimento político que liderou a luta contra o colonialismo e atualmente o partido no poder em Moçambique.

[33] SARMENTO, Enilde. "O papel da Mulher no Desenvolvimento: O caso de Moçambique. Comunicação apresentada na Conferencia Internacional sobre Mulheres e Desenvolvimento (Madrid-Espanha)", Pp-2-8, 2011.

[34] Mazula, Brazão. Moçambique, Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Cap. X: A Mulher, SE. 1995.

> Mas a entrada das mulheres no mercado de trabalho, contrariando a sua alocação apenas às tarefas domésticas, acarreta mudanças designadamente as que se ligam á divisão do trabalho e participação nos processos de decisão a vários níveis. Na verdade, as diferentes unidades domésticas tentam adaptar- se a um novo contexto, e reelaboram as suas estratégias de sobrevivência em função das alterações económicas que, entretanto ocorrem. (Mudança das pessoas do campo para cidade entre os anos 1970 e 1987).[35]

Mas, apesar de atualmente ter varias conquistas e ter acesso a participar de diversas actividade de geração de renda, as mulheres continuam a ter menos influência económica, e política, e a ser mais pobres do que os homens de um modo geral. E apesar dos avanços em sectores sociais como política, educação e saúde, as mulheres ainda estão aquém dos homens em praticamente todas as áreas.

Quando se debate sobre o papel que a mulher tem exercido para contribuir para o desenvolvimento económico, sempre se avalia seu nível de produtividade no trabalho (seja em instituições formais ou no comercio informal) olhando também para aquelas que são suas tarefas domésticas como mulher, e com isso, algumas vezes tem se considerado que devido ao papel que exerce dentro de casa, nos locais de trabalho a mulher não tem o mesmo nível de produtividade, se comparado com os homens.

Atualmente, as mulheres, principalmente as que residem em grandes cidades como Maputo, lutam diariamente com vista a aumentar o seu nível de produtividade e a se destacar nos seus sectores de trabalho. Mas, isso ainda parece um grande desafio, uma vez que, ao mesmo tempo elas precisam conciliar as tarefas domiciliares do cuidado da casa e da família, com outras atividades de geração de renda, porque na sociedade moçambicana ainda se carrega aquela consciência de que o principal papel da mulher dentro das famílias está ligado exclusivamente aos cuidados com a casa.

No período pós-independência, começa a se verificar uma preocupação em incluir as mulheres em outras atividades fora do meio familiar, e ao mesmo tempo começa a se encontrar algumas mulheres inseridas nas estruturas orgânicas dos estados.[36] E também, em algumas regiões do país, surgiram mulheres que começaram a se organizar em cooperativas agrícolas e, posteriormente, foram criadas associações onde, de forma conjunta, as mulheres podiam participar e estar incluídas nas dinâmicas políticas, económicas, sociais e culturais do pais.

[35] LOFORTE, Ana Maria. "Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique". Tese de Doutorado, Lisboa, Pp: 174-207, 1996.
[36] As estruturas organicas do estado são os órgãos, serviços e agentes que compõem a administração pública.

Como forma de garantir o cumprimento de suas obrigações ou tarefas domiciliares ligadas ao cuidado da família, atualmente, as mulheres criam seus meios de subsistência (negócios entre outros) através do uso da tecnologia (Internet) e também usando as suas próprias casas para realizar algumas actividades (comercialização de diversos tipos de produtos e bens) que possam gerar alguma renda. E essa forma de subsistência não pode ser considerada recente no sul do país, uma vez que, desde antes do período colonial, as mulheres já estavam inseridas na produção agrícola, e os produtos colhidos não eram somente para o sustento familiar.

A participação em associações e atividades geradoras de rendimento tem contribuído para mudar a vida das mulheres, das instituições, das regras, normas e costumes, estabelecendo direitos e deveres no relacionamento entre mulheres e homens, na sua organização familiar, social e individual. A pertença a diversos tipos de instituições como as do Estado, as instituições religiosas e partidárias, as associações de carácter cultural, sócio profissional, económico, de geração de rendimento, de entreajuda ou de vizinhança, gerou novas identidades, no processo de procura de minimização dos riscos da reprodução social.[37]

De forma bastante natural e espontânea, as mulheres moçambicanas atuam com vista a resistir às dificuldades a elas impostas e melhorar suas condições de vida. Para isso, fazem o uso de saberes e práticas populares, por vezes reinventadas e adaptadas à novas tecnologias e aos costumes contemporâneos.

Dentre estas práticas, as mais comuns são espécies de associações solidárias e rotativas de crédito e poupança com caraterísticas muito próprias e peculiares. Nesse sentido, o xitique é visto como uma dessas práticas socioeconómicas carregadas de potencial, atuando como um importante mecanismo de desenvolvimento local económico da mulher.

Através dos grupos e associações que as mulheres criam, para além de angariar recursos materiais, elas acabam por abrir um espaço para se inserir e serem reconhecidas em outras esferas da sociedade, como por exemplo a política. Contudo, apresentamos o xitique como uma prática bastante típica entre grupos de mulheres moçambicanas, que

[37] CASIMIRO, Isabel Maria e DE SOUTO, Amélia Neves. "Emponderamento Económico da Mulher, Movimento Associativo e Acesso a Fundos de Desenvolvimento Local". Maputo: Centro de Estudos Africanos, UEM,203 páginas, 2010.

tem se destacado como prática sócio-cultural que permite a expansão das liberdades individuais das mulheres. As possibilidades de atuação da mulher como agente de mudança também são ampliadas, uma vez que através do xitique ganha mais autonomia pessoal e financeira.

3. A prática de Xitique entre mulheres vendedeiras

Neste capítulo, apresentaremos a contextualização histórica do surgimento do xitique em Moçambique. Descreveremos como ocorre esta prática entre as mulheres vendedeiras, partindo do princípio de que compreendemos o xitique como uma rede social. Pretendemos apresentar melhor o grupo "liranzo" que é um dos maiores grupos de xitique existente no Marcado Xiquelene. Na língua portuguesa liranzo significa "amor".

Entretanto, antes disso, é importante destacar que xitique tem sido considerado como uma forma de poupança feita por meio de grupos, em que cada membro tira um capital inicial de mesmo valor para todos. Após um período pré-determinado pelos membros envolvidos, uma das integrantes recebe o valor coletado e, na sequência, as demais são contempladas, até abranger a todos. Mas, em seu artigo intitulado "Além do económico", Catarina Trindade problematiza e questiona a definição atribuída ao termo xitique por se tratar de uma palávra que tem origem na língua local, o que torna difícil e limitador traduzi-lo para a língua portuguesa. Para a autora, usar a palávra poupança para descrever a prática de xitique, pode nos levar a uma limitação do seu verdadeiro significado. Trindade enfatiza que:

> De onde vem, então, a afirmação de que xitiki se traduz por poupança? Porque a pressa em definir algo que vai além de uma pratica económica? Traduzi-la de uma língua tão diferente do português, na qual muitas vezes não existe tradução literal de certos termos não seria limitador?[38]

Na maior parte dos trabalhos sobre a prática de xitique, os autores referem que esta palávra tem origem na língua changana e ela se traduz para a língua portuguesa como

[38] TRINDADE, Catarina Casimiro. Além do Económico: Reflexões sobre os significados do Xitiki, uma prática informal de poupança e crédito rotativo de Maputo, Moçambique. Dissertação de mestrado, Pp.286-307, 2015.

poupança. E assim , esta prática vem sendo definida como um sistema financeiro informal e os grupos de xitique como associações de poupança.

Os trabalhos já existentes não problematizam a origem desta tradução dada a palávra xitique, apenas se limitam em a definir como poupança em grupos. Mas, no decorrer do trabalho de campo, em diversas conversas com as informantes da pesquisa, foi possível perceber a limitação desta definição, uma vez que, as próprias pessoas que estão nos grupos de xitique dizem não saber qual é o real significado do termo xitique. E o que se pode perceber na prática, é que os grupos de xitique encontrados no Mercado Xiquelene, vão muito além de fazer uma simples poupança. Uma das informantes, Wanga Dimande de 43 anos de idade, disse:

> Na verdade mesmo, eu não sei o que quer dizer xitique em português. É uma palávra que eu cresci a ouvir dentro de casa e não só, em muitos outros lugares. Cresci a ouvir pessoas dizendo que fazem xitique ou que vão ao xitique e assim, nunca procurei saber o que quer dizer xitique, porque para mim, xitique quer dizer muita coisa, não é só guardar dinheiro no grupo pra poupar, no grupo fazemos muita coisa, como por exemplo, visitas, festas, compra de diversos bens, apoios nos momentos difíceis e como morte, trocamos presentes e tal. Então se eu tiver que definir o que é xitique, posso dizer que para mim é o conjunto de todas estas coisas que são feitas dentro dos nossos grupos.[39]

Segundo Teresa Cunha, a definição do xitique como uma prática comum de poupança e crédito rotativo entre um determinado grupo de pessoas, é muito simplista e insuficiente, uma vez que a pragmática do xitiki mostra sem muita dificuldade uma ética e até mesmo uma estética de relações sociais complexas e ricas em variações, detalhes, significados e códigos de conduta.[40]

Já para as mulheres do Mercado Xiquelene, o xitique é muito mais do que apenas poupar. É também para elas também uma prática de solidariedade, um momento de convivência e criação ou fortificação de laços de amizade e afecto entre as partes envolvidas. Segundo a vendedeira Nhelete, de 30 anos de idade:

> Para nós o xitique não é só uma simples contribuição onde nos encontramos apenas para entregar o dinheiro e prontos. Mas os dias de xitique consideramos o momento para nos sentarmos no mesmo lugar seja em casa

[39] Entrevista feita por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a dona Wanga Dimande, no dia 12 de Julho de 2025.

[40] CUNHA, Teresa. "A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismos e descolonização das teorias económicas contemporâneas" in Teresa Amal: Ensaios pela Democracia, Justiça, Dignidade e Bem-viver. Edições Afrontamento, Lda (Porto), Pp. 74-97, 2011.

> de alguém ou mesmo no mercado, mas estarmos juntas a trocar ideias sobre várias coisas, passarmos a conviver mais entre nós, nos unirmos como mulheres vendedeiras que somos e nos ajudarmos quando for necessário.[41]

Durante o trabalho de campo percebemos que, para fazer parte de um grupo de xitique, existem alguns requisitos básicos que o indivíduo deve ter. O primeiro é o capital inicial. É preciso que a pessoa tenha um valor inicial para contribuir. O outro requisito, é ser confiável. Este é um dos requisitos mais importantes para participar num grupo de xitique, visto que, mesmo que a pessoa tenha o valor necessário para fazer a contribuição, se tiver um histórico de má conduta, de devedor ou burlador, não é aceite em nenhum grupo. A forma de pagamento de xitique não precisa ser necessariamente monetária, há casos em que a contribuição se dá em forma de bens materiais, como roupas, celulares, loiças, alimentos, entre outros. Muitas vezes, os grupos de xitique são criados com objectivos concretos, como a compra de algum bem material.

Nos grupos com objetivos específicos, é obrigatória a compra dos objetos estipulados em concordância com todos os integrantes, e, nestes casos, não se pode utilizar o dinheiro para outros fins. Por isso, não é a pessoa beneficiada pelo xitique naquele momento que compra, mas sim, as demais pessoas do grupo é quem vão comprar os objetos e os entregam à pessoa que está na vez de receber, para evitar que o propósito comum seja quebrado. A dona Mahigo Chuquela, de 45 anos de idade, disse:

> Muitas vezes nós exigimos que as pessoas nos mostrem o que fazem com o dinheiro recebido porque caso contrário, elas não fazem algo sério e concreto. Partimos do pensamento de que a pessoa fez um compromisso de mostrar o que faz com o dinheiro do xitique, aceitou essa regra quando entrou no grupo, então tem que cumprir.[42]

Alguns exemplos deste xitique com objetivos específicos para compra são: material de construção; electrodomésticos; loiça; celulares; e cabelos postiços. Mas, não é obrigatório que seja sempre assim, existem também grupos em que a pessoa tem a autonomia de decidir o que fazer com o dinheiro que recebe. Em relação à duração dos grupos de xitique, existem variações. Podemos encontrar grupos duradouros, em que a necessidade de poupar é constante, e também grupos com curta duração, em que as pessoas se juntam para fazer face apenas a um problema concreto e depois o grupo se desfaz.

[41] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Nhelete Langa, uma vendedeira de roupa, 4 de Julho de 2025.
[42] Entrevista feita por Isabel Cumbane à vendedeira Mahigo Chuquela, 9 de Maio de 2025.

3.1. A prática de xitique: Uma breve contextualização

Práticas semelhantes com as de xitique são bastantes antigas nas relações entre indivíduos e grupos, em vários lugares do mundo. Podemos citar alguns exemplos como *Kula* na Polinésia e o *potlach* em algumas regiões dos Estados Unidos da América. Estas práticas foram estudadas por cientistas sociais, tais como Braudelott e Marcel Mauss. E vários estudos feitos sobre trocas e reciprocidade mostram que em diversas sociedades existem relações de trocas que podem ser em serviço ou em bens materiais.[43]

No contexto africano, vários estudos mostram que as trocas e a reciprocidade no formato de xitique aconteciam com o intuito de realizar uma espécie de ajuda mútua entre indivíduos e grupos, com vista a dar algum suporte às famílias em caso de morte, prestando um apoio simbólico e material para as pessoas próximas ao falecido. Pode-se falar também da troca de produtos, serviços incluindo também o sistema de visitas entre os indivíduos e o sistema de casamento que cria entre os diferentes grupos a troca de mulheres na lógica de reciprocidade.

Em Angola por exemplo, estas trocas são feitas através da "Kixikila" que, segundo Tânia Canguia é uma prática social constante na sociedade angolana, com maior tendência na camada social baixa, através da qual um conjunto de pessoas organizadas assumem o compromisso de periodicamente contribuírem com determinado valor ou serviço, e o resultado desta contribuição a ser destinado à cada membro rotativamente.[44]

Ainda no contexto africano, temos o exemplo da "totocaixa" em Cabo Verde, e, as "mandjuandadis" e "abotas" na GuinéBissau. De acordo com Patrícia Gomes, as mandjuandadis são grupos ou redes de solidariedades e de convivência que funcionam na base da classe etária e de interesses comuns e de acordo com as normas predefinidas e aceites por todos os membros. E no interior destes grupos, existem várias formas de apoio como por exemplo: para a celebração de festas, casamentos, apoios em casos de doença e investimentos nos negócios.

---

[43] Braudelott, J. "O Kula de Malinowski". In Repensando a história da economia. Lisboa: Edições 70, 1992.
Mauss, M. "Sociologia e Antropologia." São Paulo: Edusp. Vol. II, 1974.

[44] CANGUIA, Tânia Hunguissa Sonde. "O Contrato de Kixikila: Sua natureza jurídica e efeitos". Trabalho de Conclusão de curso: Universidade Católica de Portugal, 2017.

Já, as abotas, são estruturas informais criadas entre trabalhadores da mesma empresa ou instituição, ou entre grupo de amigos, ou ainda entre membros de uma determinada classe.[45]

A totocaixa de Cabo Verde, é um mecanismo informal de crédito cada vez mais utilizado no país, sobretudo por parte dos comerciantes informais para ter acesso ao dinheiro de forma mais fácil, através de uma rede de solidariedade criada entre eles.[46]

Quanto ao contexto moçambicano, esse tipo de prática já era verificado no seio do trabalho agrícola e doméstico entre anos 1970 a 1990. Por exemplo, no campo agrícola no período colonial, as pessoas trabalhavam num sistema de ajuda mútua que na região no sul de Moçambique é conhecida por *tsima*, que era uma forma de trocar uma mão-de-obra ou por alimentos. Esta prática obedecia um sistema rotativo de trabalho na machamba[47] entre os participantes do grupo. E na realização de outras atividades como por exemplo a busca da água que era feita em locais muitos distante das casas, as mulheres formavam grupos de trabalho que consistiam em todas elas se juntarem e, ao mesmo tempo, buscarem a água para abastecer uma casa. Este processo se repetiam, até abranger as casas de todas integrantes do grupo.[48]

Dentro das dinâmicas do crescimento e da expansão urbana, esta instituição sofreu algumas mudanças e ganhou novos contornos e impacto na vida da população moçambicana. De acordo com Ana Loforte, a prática de xitique, no contexto moçambicano, em particular no sul de Moçambique, começa a se verificar com o desenvolvimento do sector informal que desenvolveu a partir dos anos 1980 com a liberalização económica.[49]

---

[45] GOMES, Patrícia. As mulheres no sector informal: experiências da Guiné-Bissau. Ciclo de encontros sobre empreendedorismo - Newsletter1.Évora,2012,pp.1-22.Disponívelem:https://www.cisa as.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Patricia%20Gomes.pdf. Acesso em: 15 Maio. 2025.

[46] Balai Cabo Verde. "Totocaixa: Um mecanismo informal de crédito cada vez mais utilizado em Cabo Verde". 16 de Abril, 2023. Disponível em: https://www.balai.cv/noticias.

[47] A palávra "machamba" é de origem africana. É amplamente utilizada em países como Moçambique, Angola e Guiné Bissau. Ela se refere a uma área de terra cultivada, geralmente de forma tradicional, para a produção de alimentos e subsistência das comunidades locais.

[48] DAVA, Gabriel, LOW, Jan e MATUSSE, Cristina." Mecanismos de ajuda mútua e redes sociais de protecção social: Estudo de caso das províncias de Gaza, Nampula e cidade de Maputo." In Pobreza e bem-estar em Moçambique. Maputo: Ministério do Plano e Finanças/Universidade Eduardo Mondlane/ Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares, pp.316-370, 1998.

[49] LOFORTE, Ana Maria. "Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique". Tese de Doutorado, Lisboa, Pp: 174-207, 1996. A liberalização económica foi parte de um programa de ajustamento estrutural, que inclui privatização, desregulamentação e livre comércio. Entre a segunda metade da década 80 e meados da década 90, Moçambique implementou o programa de liberalização com esforço para melhorar a mobilização de recursos domésticos e a qualidade de investimento.

O xitique é uma prática de poupança e crédito rotativo que em Moçambique, começou a se observar na região sul, em um contexto de transformações sócio económicas. Na década de 1980, Moçambique estava mergulhado numa crise sócio-económica caracterizada pelo conflito armado, por calamidades naturais e pelo fraco abastecimento de bens de consumo.

De acordo com Prakash Ratilal, esta crise forçou o governo a adotar e implementar o Programa de Reabilitação Económica (PRE), que visava o ajuste estrutural nos moldes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). Assim, foi levada a cabo uma nova política monetária e fiscal, privatizações no setor público, liberalização da economia e estímulos ao setor exportador. O mesmo autor afirma ainda que, os primeiros três anos do PRE foram de sucesso em termos de crescimento económico, mas não se resolveram os graves problemas sociais tais como pobreza, fome, criminalidade, mendicidade, exclusão social, desemprego e desigualdade social. Os níveis de pobreza permaneceram muito elevados. [50]

Jochel Oppenheimer e Isabel Raposo referem que, apesar dos inúmeros relatos sobre a pobreza em Maputo, esses milhares de pobres que constituíam uma grande percentagem dos habitantes da capital do país, sobreviveram aos efeitos de uma prolongada guerra civil, dos programas de reajustamento estrutural e de todo conjunto das políticas económicas neoliberais.[51]

Na perspectiva destes autores, as principais respostas dadas à pobreza estrutural e conjuntural, são dadas pelos próprios indivíduos e comunidades nesse reinventar quotidiano da sobrevivência. É nesse contexto que surge o xitique, como uma das múltiplas estratégias de solidariedade tecidas com vista a sobrevivência, satisfação dos interesses individuais, familiares ou coletivos.

[50] RATILAL, Prakash. " Moçambique 10 anos de paz", organizado por Brazão Mazula, Centro de Estudo de Democracia e Desenvolvimento, Maputo, Moçambique, 2002.
[51] OPPENHEIMER, Jochel, e RAPOSO, Isabel. " Estratégias de sobrevivência nas margens da capital" In: A pobreza em Maputo-A cooperação direccionada para os grupos vulneráveis no contexto da concentração urbana acelerada, colecção cooperação, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Lisboa, 2002.

Teresa Cruz e Silva também, aponta para as condições económicas, políticas e sociais que marcaram Moçambique nas duas últimas décadas do século XX, como as que criaram um ambiente para a revalorização, e em alguns casos, a reactivação ou criação de redes de solidariedade, diferentes formas de associativismo e práticas cooperativas, em busca de alternativas para sobrevivência e aumento do rendimento familiar.[52]

Deste modo, cabe destacar que Xitique é uma palavra de origem tsonga, grupo etno-linguístico do sul de Moçambique, que é frequentemente traduzida para a língua portuguesa como poupar ou amealhar. É uma prática que surgiu na região Sul, mas actualmente muito comum em quase todo o pais, principalmente entre as mulheres que atuam no mercado informal.

O xitique é organizado por um grupo de pessoas que se conhecem porque moram no mesmo bairro, trabalham no mesmo local ou porque possuem relações familiares. E estes grupos compostos normalmente por 5 a 40 pessoas, que fazem uma contribuição de valores monetários, depois definem a periodicidade para a distribuição desses valores, que pode ser diário, semanal, quinzenal ou mensal.

> O xitique tem vindo a ser analisado como uma pratica comum de poupança colectiva e de crédito rotativo entre um grupo restrito de pessoas, maioritariamente mulheres, com o objetivo de adquirir bens, produtos e serviços que de outra maneira não lhes seriam acessíveis mediante a escassez de moeda com que vivem. As sociabilidades e experiencias associadas ao xitique, ou aquilo que muitas pessoas denominam de xiticar, indicam que nelas se condensam muitas outras ferramentas não apenas económicas e de sobrevivência.[53]

Em Moçambique, parte da população, em particular as mulheres, recorre aos sistemas informais de poupança e ajuda mútua para resolver os problemas económicos que surgem no dia-a-dia, sendo o xitique o sistema mais usado em todo o pais. O xitique, é conhecido como um mecanismo de poupança e de crédito rotativo informal , que permite as pessoas fazerem a canalização de seus recursos entre si.

[52] CRUZ e SILVA, Teresa. "Solidariedades Sociais e Novos Desafios de Mitigação aos Impactos do HIV/SIDA nas zonas rurais em Moçambique", Maputo, Centro de Estudos Africanos, 2004.

[53] CUNHA, Teresa. "A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismos e descolonização das teorias económicas contemporâneas" in Teresa Amal: Ensaios pela Democracia, Justiça, Dignidade e Bem-viver. Edições Afrontamento, Lda (Porto), Pp. 74 97, 2011.

De acordo com Isabel Casimiro, o xitique pode ser enquadrado num contexto de atividades geradoras de rendimentos, que considera ter surgido como resposta aos programas de reajustamento estrutural [54], pressão económica, problemas financeiros que abalaram as famílias moçambicanas. Ela considera que a aderência a estas estratégias de sobrevivência, surge a partir dos anos 1980/90, onde tem se verificado uma crescente deterioração das condições sócio-económicas de vida, e a população procurava por alternativas para a geração de rendimentos que permitissem cobrir as suas necessidades básicas. Essa procura era feita através da realização de atividades micro-empresariais de variada natureza e características.

A autora Teresa Cunha, procurou demonstrar, a partir de uma pesquisa feita na cidade de Maputo, que existem muitos outros fatores que estão associados à prática do xitique, e que transcendem o fator económico. Através da interacção que acontece diariamente entre os membros dos grupos de xitique, surgem redes de apoio mútuo, que visam a prestação de solidariedade entre eles em casos de adversidades.[55]

Esta prática tem sido abordada também como um mecanismo de ajuda mútua entre um grupo de amigos, colegas de trabalho, familiares ou vizinhos, que, para além da sua dimensão económica, também possui uma dimensão social que está ligada à questão da solidariedade. E de acordo com Noémia Nhatsave, para além de ser um mecanismo financeiro, o xitique serve como um meio de socialização entre os membros dos grupos. [56]

O xitique inicia normalmente com um grupo de amigos que se juntam, fixam um montante (que pode ser mensal, semanal ou quinzenal) da contribuição para cada membro, com a realização de encontros para a prestação de contas e distribuição rotativa[57] da poupança por cada um dos membros do grupo, e se estabelece um período em que essa distribuição será feita. Os grupos de xitique são, geralmente, formados com

[54] O reajustamento estrutural em Moçambique, foi um conjunto de reformas económicas que incluíram a desregulamentação, a privatização e o livre comércio.
[55] CUNHA, Teresa. "O xitique delas: Um ensaio feminista pós-colonial sobre o xitique em Moçambique". CEA-Universidade Eduardo Mondlane, 2004.
[56] NHATSAVE, Noémia André. "Mecanismos Informais de protecção social em Moçambique: O caso de xitique". [Tese de Licenciatura]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2011.
[57] A distribuição rotativa no xitique funciona como uma escala que estabelece para organizar a ordem de quem recebe primeiro o dinheiro e assim sucessivamente.

base na confiança, visto que, o dinheiro poupado não é guardado em um banco, mas fica sob a responsabilidade de um dos membros do grupo.[58] E também, apesar de serem grupos informais, existem algumas regras e um certo tipo de comportamento que se espera que seja cumprido por todos os membros.

De acordo com a antropóloga e pesquisadora Ana Loforte, o xitique funciona como um instrumento de protecção social, uma vez que não se limita à questão de dinheiro, mas, inclui práticas de reciprocidade. Neste sentido, na perspectiva económica, as práticas de xitique devem ser vistas como produtivas, uma vez que contribuem para poupança e para ganhos materiais, tais como dinheiro para diversos fins, material de construção, pagamento de despesas para a educação dos filhos e familiares, compra de alimentos e apoio financeiro na organização de eventos (casamento, baptismo e aniversário). Para vendedores, o xitique contribui para melhorar as condições de vida para suas famílias.

Ao longo da pesquisa e do trabalho de campo, vimos que na perspectiva cultural, a pessoa responsável pelo xitique não se limita apenas a entregar o dinheiro, mas deve também promover o envolvimento de todo o grupo no processo e organização de um momento celebratório, que é de certa forma um ritual, para que cada movimentação de recursos financeiros seja um ato coletivo de festa e convívio entre os participantes. Sobre isso, a dona Chica Matsinhe, de 48 anos de idade, vendedeira no mercado Xiquelene há mais de cinco anos, disse:

> Dentro dos nossos grupos de xitique, sempre temos uma pessoa que fica responsável por organizar as festas, em coordenação com os restantes dos membros. Na verdade fazemos estas festas porque queremos aproveitar para conviver. Nos conhecermos melhor e trocar experiências, porque para nós, o xitque não pode ser apenas para cada uma chegar lá entregar ou receber o dinheiro e ir embora, tem que haver mais contacto e aproximação, isso fortalece a confiança que temos entre nós dentro do grupo.[59]

Neste sentido, podemos considerar que o xitique é mais do que uma simples prática de poupança financeira, e sim, uma expressão de valores comunitários e sociais. Pelos depoimentos colhidos, vimos que o xitique reflete uma tradição de ajuda mútua e cooperação, que são pilares fundamentais da vida comunitária em Moçambique.

[58] CRUZ e SILVA, Teresa. "A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho". O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal ASSOTSI. Genebra: Bureau Internacional, 2005.
[59] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Chica Matsinhe, no dia 4 de Julho de 2025.

As reuniões e festas do xitique também servem como espaços de socialização e troca de informações, o que contribui para o fortalecimento da coesão social.

De uma forma geral, o surgimento do xitique em Moçambique pode ser enquadrado no contexto das reformas económicas, a situação política, social e cultural que o país viveu no período pós-independência, concretamente entre os anos 1980 e, 1990. Todos estes acontecimentos em conjunto resultaram no surgimento ou criação de um novo estilo de organização económica e social.

Xitique como rede social

Como o xitique é uma prática que envolve e movimenta um elevado número de pessoas, em constante interacção, considera-se que pode ser definido como uma rede social de ajuda mútua e solidariedade de forma recíproca entre os seus praticantes. O conceito de rede possui uma popularidade, que segundo a autora Sílvia Portugal, é abundantemente usado na língua corrente, académica ou política, e designa variedade de objectos e fenómenos.[60]

O conceito de rede permite observar a complexidade e a dinâmica das interacções desenvolvidas no seio dos grupos de xitique entre mulheres vendedeiras. A rede social é definida por Clyde Mitchell como um sistema analítico de relações sociais entre pessoas interligadas umas das outras, pelos mesmos valores, costumes e objectivos, e que esses indivíduos se ajudam mutuamente e mantêm uma relação de confiança.[61] E para o pesquisador Rui Leandro Maia, o termo rede é definido como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, partilhando valores e objectivos comuns.[62]

As redes sociais nos permitem perceber as lógicas sociais de funcionamento de um determinado local, e as relações de entreajuda são muitas vezes efectuadas através de conexões contínuas. Muitas mulheres e homens recuperam, inventam e actualizam práticas sócio-económicas que são colocadas ao serviço de uma interpretação da sua realidade e da resolução dos problemas que ela lhes impõe.

[60] PORTUGAL, Sílvia. 'Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica". Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271. pdf(Acesso em: 10 de Janeiro de 2025), 2021.
[61] MITCHEL, Clyde. "Social Network in Urban Situations: Analysis of Personal Relationship" in Central Africa Towns. Manchester: Institute for African Studies, pp.1-50, 1969.
[62] MAIA, Rui Leandro. "Migrações e Redes de relações sociais em meio urbano: Um exemplo a partir do Porto." Revista de Demografia Histórica XX(I):53-80, 2002.

As mulheres do mercado estabelecem os grupos de xitique com base na proximidade das lojas e confiança. Embora existam mulheres casadas no seio dos grupos, grande parte delas, são mulheres separadas, divorciadas ou solteiras, que estão na condição de ser elas as provedoras de recursos para o sustento de suas famílias. E assim, essas mulheres olham para a prática de xitique como uma solução para superar problemas económicos relacionados ao fraco rendimento nas vendas, e também ao fraco poder de adquirir alguns bens materiais. De Acordo com a informante Nhelete Langa, de 30 anos de idade:

> Os grupos que temos aqui no mercado formamos de acordo com a vizinhança das bancas, entre vendedeiras com bancas próximas umas das outras porque, sendo um assunto que envolve dinheiro fica mais fácil você se arriscar em confiar alguém que está perto de ti todos os dias e conheces a banca dela. Como consegues ver, este mercado é muito grande, não dá pra envolver todos em um único grupo, mas em cada setor ou corredor, vais encontrar grupos formados entre vendedores com bancas que são próximas, isso transmite mais segurança. [63]

Dentro dos grupos de xitique, as relações entre os membros se constrõem a partir da interacção e da convivência quotidiana, e elas se mantêm com base na confiança e respeito mútuo. O compromisso e a reputação que cada participante demonstra, possibilitam a estabilidade de que os grupos necessitam para se manter vivos e coesos. É a partir destas redes sociais que dentro do xitique os grupos criam momentos culturais através da organização de momentos de festividades, que normalmente são caracterizados pela presença de alguns rituais da cultura do sul de Moçambique como cânticos na língua local, dança, jogos tradicionais, troca de presentes e, nestas cerimónias as mulheres estão sempre trajadas de capulana. [64]

Entre os vários elementos apontados pelas mulheres como sendo os motivos que as levam a aderir aos grupos de xitique, os mais destacados são por exemplo, a partilha de mesmo tipo de problemas, a necessidade de ajudar familiares e os convívios.

64 Entrevista feita por Isabel Cumbane à Nhelete, uma vendedeira de roupa, 4 de Julho de 2025.

[64] Capulana é um pedaço de pano estampado (normalmente com 2 metros por 1,5 metros), que as mulheres utilizam para cobrir as ancas e as pernas como se fosse uma saia. Para além dessa função básica e popular, as capulanas podem ser usadas em momentos especiais como os nascimentos, casamentos e outras cerimónias importantes.

3.2 Xitique entre mulheres vendedeiras

A criação dos grupos de xitique é, na maioria das vezes, uma iniciativa das mulheres, e isso deve-se ao facto de que elas são as que mais procuram ganhar visibilidade na esfera pública e quebrar barreiras relacionadas ao fraco poder financeiro, elevando o seu poder de aquisição de bens materiais para dentro de suas casas. Umas das várias características do xitique é exactamente ser maioritariamente praticado por mulheres. Na mesma perspectiva Teresa Cunha sustenta que:

> O xitique é uma dessas tecnologias que devem ser estudadas e compreendidas para dotar os conhecimentos sociológicos, feministas e económicos de mais ideias que possam contribuir para a justiça cognitiva e como meio de dar corpo às consciências antecipatórias do futuro que acima referi. Elas estão a elaborar, já e agora, os termos daquilo que será um novo senso comum do governo da casa é um paradigma que possa ser nomeado de pós-capitalista. A ligação das práticas do xitique as mulheres em Moçambique é uma evidência empírica e tem sido objecto de pesquisas e reflexões. As mulheres estão muito activas nas actividades produtivas e circuitos económicos do país e uma parte substantiva do rendimento gerado e utilizado para o sustento das famílias, assim como um volume de negócios assinalável, é realizado por elas no âmbito daquilo que é designado por 'economia informal'. As organizações de mulheres de base mais populares estão, algumas vezes, fortemente relacionadas com a produção e comércio de modo a gerar rendimentos e a reforçar, mutuamente, as capacidades de pequenos grupos. As iniciativas de muitas mulheres e alguns homens, muitas vezes consideradas informais, pontuais e precárias servem de base para se criarem negócios, com vista a complementar ou a gerar o seu sustento e a manter a vitalidade social e política da sua comunidade .[65]

Durante a pesquisa, percebemos que mesmo quando há presença de homens, dentro dos grupos de xitique, é bem visível que são as mulheres que ditam as regras, as quais detêm o poder de decisão sobre todo o processo desta prática. As mulheres sempre estiveram muito activas nas atividades produtivas para o sustento familiar, mas, estavam mais ligadas à produção agrícola e outras atividades que eram realizadas dentro de casa. Mas atualmente, elas estão envolvidas em práticas de geração de rendimento fora do ambiente familiar, e também nos processos de desenvolvimento económico do país e, parte do rendimento gerado e utilizado para o sustento familiar, é realizado por elas através do comércio informal.

[65] CUNHA, Teresa. "A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismos e descolonização das teorias economicas contemporâneas" in Teresa Amal: Ensaios pela Democracia, Justiça, Dignidade e Bem-viver. Edicoes Afrontamento, Lda (Porto), Pp. 74 97, 2011.

O xitique, entre as mulheres vendedeiras, é uma estratégia de poupança e de ajuda mútua que elas adotam para se solidarizar umas com as outras e em momentos de crise ou de alegria, e também para adquirir bens materiais que devido ao elevado custo não seria possível sem a ajuda do xitique. Os grupos de xitique encontrados entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene na cidade de Maputo, (capital de Moçambique), são formados normalmente com base na confiança e proximidade das bancas (lojas) e cada grupo é composto por dez a 20 mulheres.

A partir dos dados recolhidos ao longos das entrevistas, verifica-se que dentro dos grupos de xitique, existe entre os membros, para além da prática de xitique, um sistema de cooperação que consiste na ajuda durante o processo da realização de suas atividades no mercado. E sobre isso, uma de nossas fontes, Keta Moiane, de 28 anos de idade e vendedeira de verduras e legumes no mercado há cerca de 5 anos, durante a entrevista disse:

> Quando alguém tem que sair assim de repente para resolver algum assunto fora ou mesmo aqui dentro do mercado, pode me pedir para controlar a banca dela e atender os clientes que vierem enquanto ela não estiver, é só me dizer os preços dos produtos e eu faço isso sem problema. E sei que quando eu precisar de sair um dia, alguém também fará isso por mim porque nós aqui sempre procuramos nos ajudar.[66]

Através das mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, observamos que existem vários grupos de xitique com características e o objetivos diferentes. Quando entram em um destes grupos, as mulheres tem como objetivo fazer uma poupança para a aquisição de produtos para venda (aumentar suas mercadorias e expandir o negocio), pagamento de despesas escolares dos filhos, compra de terrenos, mobílias e compra de materiais de construção para suas casas. Em relação a estes objetivos, uma de nossas fontes, a senhora Chica Matsinhe de 48 anos de idade, vendedeira de produtos de primeira necessidade, nos disse:

> Aqui dentro do mercado nós fazemos esses xitiques como forma de nos ajudarmos, porque muitas de nós que estamos a vender aqui somos mulheres separadas ou solteiras e nas nossas casas tudo depende de nós, temos filhos e não há quem nos ajuda nas despesas, e o que acontece é que só com o dinheiro que conseguimos nas vendas não da para fazer muita coisa além de comprar comida para casa.

[66] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Keta Moiane, uma vendedeira de verduras e legumes, 28 de Outubro de 2024.

> Por isso eu por exemplo, faço dois xitiques mensais, e com eles minha vida está melhorar muito, já consegui comprar um terreno e uma boa parte de material de construção, quando chegar minha vez de receber de novo acho que já vai dar para começar construir. Meu sonho é ter minha casa própria para mim e meus filhos.[67]

De acordo com Catarina Trindade, o xitique é um sistema rotativo de poupança que é feito através da formação de grupos constituídos normalmente por amigos ou colegas de trabalho, que se juntam e estipulam um montante de contribuição assim como a periodicidade dos encontros para a prestação de contas e distribuição do valor contribuido, por cada uma das pessoas envolvidas no grupo. As mulheres contribuem com uma quantia fixa que, ao final do período previamente estabelecido, é entregue a uma das integrantes do grupo. A periodicidade pode ser mensal, semanal e até mesmo diário.

No caso das mulheres vendedeiras no mercado Xiquelene, o período estabelecido para a entrega do valor contribuído é de um mês, e o valor da contribuição a ser estipulado segundo a capacidade financeira dos membros do grupo de xitique. Entre estas mulheres vendedeiras no mercado Xiquelene existem vários grupos de xitique e com diferentes valores de contribuição. Todos os grupos observados e entrevistados têm uma contribuição mensal que varia de 1.500 a 10.000 (mil e quinhentos a dez mil meticais)[68]. Sobre a periodicidade e o valor do xitique nos grupos presentes no mercado, uma das informantes da pesquisa, a senhora Guida Honwana, vendedeira de roupas, de 40 anos de idade, disse:

> A partir de conversas com outras mulheres aqui do mercado, e também da minha experiência no grupo que faço parte, optamos Aqui dentro deste mercado, pelo que eu sei a partir de conversas com outras mais por xitique mensal, que consiste em mensalmente uma pessoa do grupo receber o valor contribuido. E o valor do xitique que cada um deve tirar por mês, depende das condições dos membros, quando se forma o grupo, primeiro avaliamos a capacidade de cada um, e todos dizem quanto é que consegue contribuir, e assim discutimos até se determinar um valor que seja acordado por todos.[69]

---

[67] Entrevista por Isabel Cumbane à senhora Chica, uma vendedeira de produtos de primeira necessidade, 28 de Outubro de 2024.

[68] RS 13.23 a RS 882,07 (treze reais e vinte e trêz centavos a oitocentos e oitenta e dois reais e sete centavos).

[69] Entrevista por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a dona Guida Honwana, no dia 13 de Novembro de 2024.

As vendedeiras olham para a prática de xitique como uma solução para superar problemas económicos relacionados ao fraco rendimento nas vendas, e também ao fraco poder de adquisição de alguns bens materiais, visto que algumas mulheres se encontram numa situação de pobreza, e têm despesas financeiras que não conseguem satisfazer por si só sem o suporte do xitique. Sobre a questão de fazer o xitique como forma de solucionar problemas económicos relacionados ao fraco rendimento nas vendas, a senhora Wanga Dimande de 43 anos de idade, vendedeira de roupa, disse:

> Esse xitique que fazemos nos ajuda bastante, eu por exemplo sem o dinheiro que recebo no xitique não iria conseguir comprar algumas coisas para minha casa porque o dinheiro que ganho aqui com essas roupas que estou a vender não chega para fazer muita coisa, só mesmo para comprar comida para mim e para meus filhos. Mas desde que começamos esse xitique já comprei algumas mobílias e loiça para minha casa.[70]

Ao longo do trabalho de campo, percebemos que as vendedeiras tem algumas regras e normas para que um novo membro passe a integrar ao grupo de xitique e, o cumprimento das mesmas é fundamental para garantir a sua permanência no mesmo. Todas as integrantes do grupo têm a responsabilidade de fazer com que a rotação seja cumprida e que haja intercâmbio entre as mesmas. Desta forma, cada integrante deve fazer valer a confiança que nela foi depositada, e para tal tem que cumprir com a contribuição do valor estipulado. Ainda na perspectiva de Trindade , percebe-se que o xitique possui duas vertentes: a realização de despesas significativas como a compra de alguns bens de grande valor, e o adiamento de outras de pequeno custo. Pois, quem contribui com o dinheiro está automaticamente a adiar algumas despesas e quem recebe está a realizar despesas que nunca conseguiria realizar por si só, sem a ajuda do xitique.

Esta autora mostra ainda que para um grupo de xitique, é necessário que cada membro assuma um compromisso com os outros membros do grupo, o qual consiste em cumprir com todos pagamentos, para que os outros não saiam prejudicados. Algumas das vendedeiras entrevistadas para este estudo afirmaram que a prática de xitique é a única forma que as mulheres encontraram para conseguir suprir algumas despesas, uma vez que estando envolvidas em um grupo de xitique, as mulheres sentem-se obrigadas a poupar o dinheiro para a contribuição [71].

---

[70] Entrevista por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a dona Wanga Dimande, no dia 13 de Novembro de 2024

[71] TRINDADE, Catarina Casimiro.” Convívio e Solidariedade: Prática de Xitique em Moçambique”. II Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Bahia: Universidade Federal na Bahia/CampusOndora.

No seu estudo sobre "Género e Poder entre os tsongas de Moçambique, realizado na cidade de Maputo, no bairro de Laulane", Ana Loforte alega que o xitique tem por objetivo minimizar as dificuldades económicas, como por exemplo, o reduzido nível de salários, dos rendimentos e da falta de crédito por parte da mulher. Loforte aponta ainda que o xitique representa um fenómeno de adaptação à economia monetária e às necessidades de consumo urbano com o qual a população se depara no quotidiano.[72]

Sempre existiram práticas comunitárias de ajuda mútua entre os membros das comunidades, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas. Nas zonas urbanas, destacam-se aquelas práticas que privilegiam o dinheiro, como é o caso do xitique. Gabiel Dava, Jan Low e Cristina Matusse, em seu artigo sobre mecanismos de ajuda mútua e redes sociais de proteção social, afirmam que as mulheres se apresentam como as maiores participantes nestas práticas tradicionais de ajuda mútua, principalmente no xitique.[73] Durante o trabalho de campo observamos que, cada uma das vendedeiras está envolvida em dois ou mais grupos de xitique com objetivos diferentes, como é o caso de uma de nossas entrevistadas, a dona Esperança que disse:

> Xitique é uma coisa que nos ajuda muito nós que dependemos só da venda, por isso eu preferi entrar em dois grupos de xitique, um é de compra de material de construção e outro recebemos em dinheiro e cada um faz o que quer com esse dinheiro. Eu por exemplo, esse xitique me ajudou muito porque quando recebi o dinheiro juntei com outro que eu e meu marido já tínhamos guardado e conseguimos comprar um terreno e, agora acabo de receber no xitique de material de construção.[74]

Os indivíduos criam redes de entreajuda, não só para fazer face aos desafios económicos mas sim, como forma de evitar o isolamento, uma vez que grande parte da população residente na cidade de Maputo saiu de suas zonas de origem, se afasta de amigos e familiares em busca de oportunidades de trabalho na cidade. É por isso que, no seio dos grupos de xitique, encontramos uma solidariedade permanente e pontual.[75]

---

[72] LOFORTE, Ana Maria. "Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique". Tese de Doutorado, Lisboa, Pp: 174-207, 1996.

[73] DAVA, Gabriel, LOW, Jan e MATUSSE, Cristina. " Mecanismos de ajuda mútua e redes sociais de protecção social: Estudo de caso das províncias de Gaza, Nampula e cidade de Maputo." In: Pobreza e bem-estar em Moçambique. Maputo: Ministério do Plano e Finanças/Universidade Eduardo Mondlane/ Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares, pp. 316-370, 1998.

[74] Entrevista por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de amendoim, a senhora Esperança Bembele no dia 13 de Novembro de 2024

[75] MATLAVA, Geraldo Armando. "Redes de Entreajuda e Relações de Reciprocidade: Um Estudo sobre xitique familiar praticado por famílias residentes na cidade de Maputo". [Tese de Licenciatura], Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

No âmbito da realização do trabalho de campo, vimos que, o xitique entre vendedeiras não é diferente dos demais, uma vez que existem algumas regras e normas para integrar a um grupo, e o cumprimento das mesmas é fundamental para se manter no mesmo. Todas as integrantes do grupo têm a responsabilidade de fazer com que a rotação seja cumprida e que haja intercâmbio entre as mesmas. Desta forma, cada integrante deve fazer valer a confiança que nela foi depositada, e para tal tem que cumprir com a contribuição do valor estipulado.

Para além da ajuda mútua exercida através da prática de xitique, existe um fundo que elas criaram especialmente para o caso de surgir eventos como casamento, doença e até mesmo morte. Assim, quando aparecem esses problemas com uma das integrantes do grupo, as vendedeiras não precisam fazer uma contribuição imediata para ajudar quem necessita, tiram um determinado valor do fundo e vão prestar a sua solidariedade, valor esse que deve ser acordado por todas integrantes.

Durante a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo sobre este tema, percebemos que existem diversas formas de organizção desta prática, como por exemplo:

- Xitique Cartão

O Xitique é frequente nas cidades de Maputo e Matola, ou em vários centros urbanos do país. Nesses centros há xitique cartão, xitique geral ou banca móvel popular nos mercados ditos informais, que consiste em um sistema diário de poupança onde, os vendedores depositam o dinheiro nas mãos de operadores que ali trabalham para orientar esta prática, e cada participante tem um cartão onde ficam registados todos os depósitos que ele faz . Este tipo de xitique funciona como uma espécie de banco informal móvel, onde comerciantes dos sectores formal e informal depositam diariamente, um valor fixo durante um período mensal, quinzenal ou semanal, sendo que o valor referente ao último dia é destinado ao pagamento dos operadores que administram e fazem a gestão de cada grupo desta modalidade de xitique.



Figura 8: Distribuição do dinheiro em um grupo de xitique cartão.

Fonte: Jornal Ikweli, 2025

Como se observa na imagem, no xitique cartão a distribuição do valor não é feita de forma rotativa, todos os membros do grupo recebem o valor no mesmo dia, depois de longos meses de poupança. Nesse dia eles se reúnem em algum lugar, as mulheres vestem uma capulana igual, sentam em forma de círculo e fazem a distribuição do dinheiro de acordo com aquilo que cada um foi depositando ao longo do tempo.

A partir da pesquisa bibliográfica e também de alguns depoimentos recolhidos no campo, percebemos que o dia da abertura do cofre nos grupos do xitique cartão, é muita das vezes transformado em um momentos de celebração e confraternização, onde os membros preparam vestes especiais, comidas e bebidas para celebrar o de mais um período em estiveram a fazer a poupança.

O surgimento do xitique cartão está ligado, aos conflitos que aconteciam dentro de outros tipos de xitique que integram a lógica de grupo, nomeadamente a “falta de pagamento ou de desonestidade por parte de uma das integrantes do grupo de xitique”.

Portanto, os valores aplicados variam mediante as capacidades financeiras de cada contribuinte. Contudo, o xitique de cartão possibilita que os comerciantes demais pessoas, que diariamente possuem lucros, tenham como guardar esse dinheiro (e não levá-lo consigo, correndo o risco de o gastar ou serem assaltados), além de não dependerem de um grupo, podendo poupar de acordo com as suas próprias capacidades.

Diferente de outras formas de xitique, neste, o dinheiro é normalmente depositado em uma conta bancária que é aberta em nome do grupo, e os valores permanecem lá até ao dia que é marcado para a distribuição por todos os membros. Aqui, a distribuição não é feita de forma rotativa, todos recebem o dinheiro ao mesmo tempo.

- Xitique associativo

Este xitique, como o próprio nome já diz, tem um carácter mais associativo que pode ser pensado como uma união de esforços entre vários indivíduos para que possam juntos alcançar algum objetivo que tenham em comum. Existe um conjunto de elementos que constituem os grupos, e que se distinguem dos outros tipos de xitique.

Por exemplo, neste tipo de xitique, os grupos são normalmente compostos por uma presidente, vice-presidente, uma tesoureira, duas secretárias, entre outros cargos que pudemos observar ao longo de nossa pesquisa de campo, e essa forma de organização só se verifica nestes xitiques associativos. Uma outra característica específica é a criação de momentos de convívio e festividades entre os membros dos grupos e o uso da capulana (tecido africano) como um uniforme para identificar os mesmos. A partir da pesquisa bibliográfica e de campo, percebemos que o xitique associativo, funciona muitas vezes como uma associação de ajuda mútua em que, os membros se unem para se ajudarem uns aos outros não apenas para a aquisição de bens materiais, mas também, na organização de cerimónias como casamentos, aniversários e funerais.

- Xitique familiar

O xitique familiar tem sido considerado como um meio de reforço dos laços de parentesco e de aproximação entre membros de uma família, uma vez que, a vida na cidade é descrita como causadora da dissolução dos laços familiares devido a ampliação

das necessidades que não são satisfeitas devido ao fraco poder aquisitivo, o que faz com os indivíduos não tenham tempo para visitas regulares aos parentes.

Os membros de uma família necessitam, cada vez mais, de um maior número de horas de trabalho para garantia de melhores condições de vida, e sendo assim, o tempo para se estabelecer um convívio familiar diminuiu consideravelmente em alguns casos. Apesar de atualmente já existirem muitas formas fáceis e acessíveis em relação à tecnologia de comunicação, o facto que se tem observado é que as pessoas parecem estar cada vez mais distantes umas das outras.

Durante a pesquisa sobre a temática, vimos que xitique familiar é um meio de poupança e de ajuda mútua dos grupos familiares quer no momento de alegria ou de crise. Ao aderirem a essa forma de xitique, as famílias tem por objectivo fazer uma poupança para a aquisição de alguns bens e também a realização de encontros de convívio familiar. O que diferencia este tipo de xitique dos outros já mencionados, é que ele é feito por pessoas mais próximas e ligadas por laços de parentesco, como forma de manter as famílias mais unidas.

3.1. A Experiêcia do Grupo "Liranzo"

Durante a pesquisa de campo, identificamos entre as vendedeiras do Mercado Xiquelene um grupo de xitique muito extenso denominado grupo "liranzo" ,[76]formado há cerca de cinco anos, e que iniciou suas atividades de poupança apenas com oito mulheres e o valor inicial acordado para a contribuição mensal era de quinhentos meticais. Depois de algum tempo, o grupo foi crescendo aos poucos e atualmente conta com a participação de 20 mulheres, cujo a maioria foi convidada a aderir ao grupo por amigas ou parentes. Sobre a formação deste grupo, uma informante de nome Quina Machava, de 36 anos de idade, disse:

> Eu faço parte deste grupo desde a sua criação, e começamos enquanto éramos apenas 8 mulheres aqui dessas bancas muito próximas umas das outras, mas depois de um ano e termos visto que estava dar certo o nosso xitique, pensamos em ampliar, fazer crescer o grupo integrando mais pessoas, e dai, começamos cada uma de nós, a convidar outras mulheres,

[76] Uma palávra na ligua local changana, que em português significa "amor".

> nossas amigas ou parentes, mas que também sejam vendedeiras aqui neste mercado.[77]

Figura 9: Fotofrafia feita com algumas mulheres do grupo de xitique, todas elas usando uma capulana igual.



Fonte: Isabel Mário Cumbane, 2025

Este grupo de poupança surgiu nos princípios do ano 2020, através da iniciativa de três mulheres vendedeiras naquele mercado e que já mantinham uma relação de amizade, onde cada uma, foi convocando mais mulheres para integrar o grupo. Apesar de ser um grupo informal, ele apresenta uma estrutura organizacional que se assemelha à outras organizações ou instituições formais, como por exemplo a existência de uma presidente, vice-presidente, uma pessoas que cuida dos assuntos sociais, uma secretária e uma tesoureira, e todos esses elementos são escolhidos por meio de uma eleição.

[77] Entrevista por Isabel Mário Cumbane com a dona Quina Machava no dia 10 de Julho de 2025.

O grupo está organizado da seguinte forma:

1. Presidente: é responsável por receber o valor das contribuições de cada participante, mediar conflitos dentro do grupo, coordenar os preparativos das festas do grupo, e aplicar multas e outras sanções necessárias.
2. Vice-presidente: esta substitui a presidente quando estiver ausente.
3. Secretária: responsável por registar os nomes das participantes, e também todas as atividades do grupo.
4. Tesoureira: esta tem a responsabilidade de conferir o dinheiro das contribuições e, guardar e entregar a quem deve receber.
5. Responsável pelos assuntos sociais: a responsável deste departamento é quem em conjunto com outras integrantes, media a resolução de conflitos que podem eventualmente surgir no seio do grupo. Geralmente esses conflitos tem haver com a demora ou mesmo falta de pagamento por parte de uma participante e, para resolver este problema, é preciso que se reúna a pessoa a pessoa em causa, conversar e procurar saber dos motivos do atraso, para depois se desenhar uma solução que não prejudique o grupo.

Este grupo se organiza através da utilização do cartão para o xitique e do pagamento mensal. O pagamento mensal funciona de modo que, cada integrante deve mensalmente entregar um valor de mil meticais,[78] que é colectado e distribuído rotativamente pelas integrantes do grupo, até abranger a todas. Já na parte do xitique de cartão, elas tem um cofre onde todas as sextas feiras cada membro deposita um valor que não é fixo e não precisa ser igual para todas, desde que seja no mínimo duzentos meticais[79]e, cada uma tem um cartão com todas as anotações dos valores depositados para que se possa fazer o controle e, a presidente do grupo, possui uma lista de todos os membros e regista cada contribuição feita.

Durante as entrevistas com os membros do grupo, percebemos que o dinheiro das contribuições, é usado para dar como empréstimo para pessoas que estejam precisando e que sejam de confiança, a principio pessoas que sejam próximas a elas e até mesmo para as próprias integrantes do grupo, para evitar riscos de não haver devolução. E este valor deve ser devolvido com uma taxa de júri de 15%, como se fosse um sistema de crédito

[78] Oitenta e quatro reais e oitenta e nove centavos.
[79] Dezasseis reais e noventa e oito centavos.

financeiro. A dona Khensa Covane, de 30 anos de idade, vendedeira de amendoim e membro do grupo Liranzo disse:

> Durante os seis meses de poupança, na verdade o dinheiro não fica guardado no cofre ou na conta bancária, nós fazemos o dinheiro circular e gerar lucros para o grupo. Aqui em Maputo é muito comum fazer essa coisa de agiotagem, entregar dinheiro para alguém depois te devolver com um valor a mais, e ai você sai a ganhar, então é isso que este grupo faz, e no final, com o dinheiro que recebemos dos júris, sempre cada uma sai com um valor acima daquele que depositou ao longo desse período. [80]

A citação acima nos mostra que nesses xitiques em que as mulheres depositam o valor durante um longo período sem fazer a distribuição rotativa, o dinheiro não fica parado, apenas guardado em um cofre, geralmente elas fazem o dinheiro circular e gerar mais dinheiro para elas através do sistema de empréstimo com júri, onde as pessoas pegam dinheiro emprestado e ao devolver pagam um valor adicional sobre o montante principal, que no caso do grupo acima citado, o júri é de quinze porcentos.

A cada seis meses esse cofre é aberto na presença do grupo todo e é feita a distribuição do dinheiro onde, cada uma recebe o total daquilo que foi depositando ao longo desse período e, depois pega-se o valor dos júris resultados dos empréstimos e divide-se por igual para todas. E neste dia da abertura do cofre, todas elas se apresentam trajadas de capulanas iguais, organizam um almoço e entoam alguns cânticos em jeito de celebração. De acordo com a dona Quina, integrante do grupo:

> Sempre que chega o dia de abertura do cofre é uma celebração para nós porque não foi fácil chegar até esse dia, por isso temos que ter capulanas iguais e prepara qualquer coisa para comer ali. [81]

O xitique mensal é feito em forma de visitas rotativas nas casas das participantes, onde sempre cria-se um momento de convívio e envolve contribuições para compra de comidas, bebidas e capulanas e a realização de festas, denominadas festas de xitique onde, para além do dinheiro referente ao xitique, a integrante que recebe a visita pode ser presenteada com outros objetos em um gesto de amor, amizade e irmandade. Segundo dona Chonguile:

> O nosso xitique mensal serve também como uma forma de conhecermos as nossas casas e convivermos em outro ambiente fora daqui do mercado. O dia de xitique mensal, é um dia de grande festa para nós, vamos a uma casa,

[80] Entrevista feita por Isabel Cumbane à dona Khensa Covane, no dia 10 de julho de 2025.
[81] Entrevista por Isabel Mário Cumbane com a dona Quina Machava no dia 10 de Julho de 2025.

> conhecemos a família da nossa irmã, comemos, cantamos e dançamos muito para celebrar a nossa união e amizade que temos. [82]

Segundo Agostinho Nhane, no xitique mensal existem várias modalidades e alguns grupos são formados aleatoriamente e de forma rotativa fazem visitas uma vez por mês na residência de um dos membros. E nestas visitas, em alguns grupos participam apenas os vendedores, e em outros, participa o casal, ou seja, duas pessoas por cada família. [83]

Ao longo deste capítulo procuramos nos debruçar em torno da prática do xitique entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, onde destacamos e refletimos sobre os diversos elementos que estão presentes dentro dos grupos das mulheres envolvidas nesta prática. A partir da pesquisa bibliográfica e dos depoimentos colhidos entre as mulheres do mercado durante o trabalho de campo, entendemos que o xitique vai muito além de ser apenas um mecanismo financeiro de poupança para adquirir bens materiais. Pois, dentro dos grupos encontramos vários elementos que transcende a questão económica como por exemplo, a ajuda mútua que ocorre entre os membros do grupo em caso de surgimento de problemas inesperados como morte.

Desta forma entendemos o xitique como uma prática sócio-cultrural de poupança e ajuda mútua em grupo, baseada na confiança entre os membros dos grupos, onde eles contribuem periodicamente com dinheiro ou bens materiais, para alcançar objetivos comuns e superar alguns desafios , e ao mesmo tempo funciona como um sistema de crédito informal e um meio de fortalecer a união entre os indivíduos e os laços sociais dentro das comunidades.

[82] Entrevista feita por Isabel Mário Cumbane a dona Chonguile Cuamba no dia 10 de Julho de 2025.
[83] NHANE, Agostinho. "Dinâmicas do xitique entre vendedores do mercado 25 de Setembro no bairro Patrice Lumumba na província de Maputo". Trabalho de Culminação de Estudos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2013.

4. O Xitique como prática sócio-cultural

O xitique é uma das formas mais comuns de poupança entre diferentes grupos sociais em Moçambique, principalmente, entre as camadas mais empobrecidas e os trabalhadores do setor informal. Apesar da relevância e da evolução da prática de xitique, poucos são os estudos recentes desenvolvidos com vista a procurar compreender este sistema de poupança em grupo como uma prática sócio-cultural que remota ao período colonial, e vem evoluindo e se transformando ao longo do tempo, passando de geração em geração. Desta forma, este capítulo procura abordar e refletir sobre alguns aspectos sócio-culturais do xitique.

Clifford Geertz, defende a ideia de que os movimentos culturais são uma representação dessa pujança que o homem é, quando empreende as realizações dos seus desejos e das suas necessidades, mas também é uma demonstração do percurso temporal feito como um ser frágil, preso à natureza mesmo quando aventa possibilidades de superação. Todavia, a cultura se define como resultante da ideia e do pensamento do indivíduo, enquanto sujeito identificado no todo colectivo, participante de uma sociedade. Nesta perspectiva a cultura se torna representação não apenas do ser humano como ser de conhecimento, mas, especialmente, como ser de realizações.

4.1. As festas do xitique e o convivio entre as integrantes do grupo

As festas do xitique entre as mulheres vendedeiras são, celebrações que ocorrem normalmente ao final de cada mês, quando chega a vez de uma das participantes receber o dinheiro. Elas representam um momento de socialização, aproximação e união entre as mulheres do grupo, e são marcadas por momentos de partilha de comidas e bebidas, cânticos, danças, conversas descontraídas, e também, incluem rituais de higiene tais como lavar as mãos, que simboliza a limpeza delas depois de pegar o dinheiro, e a separação entre a parte da troca financeira e a parte festiva do encontro. Nestes encontros as mulheres celebram não apenas a recepção do dinheiro, mas também, comemoram o compromisso mútuo e a confiança, que são a base fundamental para manter os grupos de xitique.

Em seu artigo intitulado “Uma maneira de Passarmos a Conviver: Descrição de um xitique familiar na cidade de Maputo”, Catarina Trindade, afirma que, nesses encontros festivos do xiqtique, a partilha da comida é sem dúvida um momento único e em que mais se evidenciam os laços que unem estas mulheres. E que, o dinheiro e o fato de todas dependerem umas das outras, criam a obrigatoriedade da realização dos encontros. O compromisso e a reputação de cada participante possibilitam a estabilidade que os grupos necessitam para se manter.[84]

Para a realização do convívio e da festa do xitique, a pessoa que vai receber o dinheiro e as colegas do grupo em sua casa, tem a responsabilidade de preparar cervejas, refrigerantes, carnes e farinha de milho que se usa para a cozinhar a xima (um prato típico moçambicano), enquanto as restantes integrantes do grupo, preparam suas comidas e levam para o local do encontro nas tigelas, para reforçar o almoço.

Figura 10: Momento de convívio entre as mulheres



Fonte: Albertina José, 2024

A fotografia acima ilustra um momento em que um grupo de mulheres do xitique, todas trajadas com uma capulana igual, se encontram em comemoração após mais um encontro de entrega dos valores contribuídos.

[84] TRINDADE, Catarina Casimiro. “Uma maneira de passarmos a conviver: Descrição de um xitique familiar na cidade de Maputo, Moçambique(2013-2015)”. In Revista de História (São Paulo), num.178, 2019.

No momento da entrega do dinheiro, a pessoa que recolhe, veste uma capulana, e a tesoureira do grupo chama cada integrante, para proceder com sua contribuição. No fim de todo este processo, o dinheiro é conferido aos olhos de todas e, depois de terminada a conferência, se canta uma canção religiosa na língua local changana, o que simboliza um momento de agradecimento pelas contribuições. E depois disso, se escolhe aleatoriamente, uma pessoa para fazer uma oração, pedindo a Deus, uma orientação e sabedoria para o bom uso do dinheiro recebido, e só depois disso, o dinheiro é embrulhado em um papel e entregue à beneficiária.[85]

A partir dos relatos das mulheres entrevistadas, podemos perceber que nestes encontros, se faz a marcação da data para a próxima festa, aproveita-se o momento para a resolução de alguns conflitos que possam ter surgido dentro do grupo ao longo do mês, que geralmente estão relacionados com questões de atrasos nas contribuições, ou entrega de dinheiro incompleto.

Antes de chegar o dia da festa, a pessoa que recebe o xitique e o grupo em sua residência, precisa escolher alguém do grupo para ser sua madrinha do xitique, que para além de ser uma conselheira na gestão e uso do dinheiro recebido, ela é que ajuda a afilhada na organização da festa. De acordo com os relatos colhidos durante a pesquisa de campo, nos grupos de xitique, a madrinha exerce o papel de conselheira, pois, é ela quem auxilia a afilhada no uso do valor recebido no xitique, seja compra de alguns bens ou qualquer outro investimento que ela queira fazer. Sobre isso, Nhelete Langa, vendedeira de roupas, de 30 anos de idade disse:

> Nos grupos de xitique que envolvem a parte da festa, cada integrante tem que ter uma madrinha que escolhida ali mesmo entre as integrantes do grupo, isso é obrigatório, não pode falhar. Precisamos dessa madrinha para nos ajudar no processo da organização dos convívios quando chega a nossa vez de receber o grupo em casa, e também, é ela que nos aconselha em todas questões relacionadas ao xitique e ajuda muito na hora de decidir o que fazer com o dinheiro recebido.[86]

A madrinha exerce um papel fundamental ligado à supervisão, mediação e garantia de confiança. Ela pode atuar como mediadora na resolução de conflitos, assegura a disciplina e assiduidade no pagamento das contribuições, e, ajuda a mediar a confiança.

---

[85] CUAMBA, Denise António. "A Função Social da Prática do Xitique na Cidade de Maputo: O Caso do grupo Ntwanano". Trabalho de Culminação de Estudos em Sociologia, apresentado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, 52 páginas, 2008.

[86] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Nhelete Langa, uma vendedeira de roupa, de 30 anos de idade, dia 4 de Julho de 2025.

Para além do valor do xitique, cada membro do grupo deve preparar um presente para oferecer à beneficiária no momento do convívio e, a madrinha, tem a responsabilidade de controlar, registar cada presente e o nome da pessoa que ofereceu, porque quando chegar a vez dessa pessoa receber o xitique em sua casa, é obrigatório levar um presente igual ou do mesmo valor ao que ela deu.

Nestes presentes, existe um princípio de reciprocidade, onde, o que a pessoa recebe, deve ser igual ao que vai dar a outra de quem recebeu. Mas para além destes presentes individuais, existe o presente de todo o grupo, onde elas contribuem um valor e com a ajuda da madrinha compram algum bem para oferecer em nome do grupo todo, ou podem oferecer em dinheiro sem ter que necessariamente comprar algum objeto. Em relação a esta questão, a senhora Quina Machava, vendedeira de 36 anos de idade disse:

> No dia da festa, cada uma prepara um presente para oferecer a dona da casa onde vamos, pode comprar algum objeto ou mesmo oferecer em dinheiro. Mas esse presente tem uma particularidade, é como se fosse um empréstimo que quando chegar a sua vez de receber o grupo em sua casa, a pessoa deve te oferecer algo igual ao que você lhe deu, se for em dinheiro, terá que te oferecer a mesma quantia que você deu. [87]

Segundo Agostinho Nhane, o xitique pode ser considerado como um elo de ligação entre os membros do grupo, criando assim uma relação de familiaridade entre os praticantes de xitique e por outro lado, os membros do grupo algumas vezes ajudam em conselhos no que diz respeito a observância das obrigações que cada um tem com a sua família. Portanto, além de poupança e obtenção de microcrédito, funciona como um núcleo de aconselhamento, porque para além de conversas acerca da vida de cada um, sobre a família, as visitas às casas servem também para fiscalizar o cumprimento do plano elaborado pelos membros do grupo.

4.2. A integração social e a solidariedade

Os convívios promovidos através da prática de xitique, constituem em uma oportunidade de encontro entre os membros fora do local de trabalho, o que permite a manutenção e o fortalecimento dos laços que mantêm o grupo coeso. Segundo Denise Cuamba, a integração e a solidariedade social, se manifestam por meio da convivência

[87] Entrevista por Isabel Mário Cumbane com a dona Quina Machava no dia 10 de Julho de 2025.

festiva, e da demonstração do amparo e consolo em momentos de dificuldades como doenças e morte.[88]

De acordo com João Carlos Almeida, a solidariedade pode ser definida como um vínculo de responsabilidade recíproca. E esta definição se enquadra ao contexto do xitique entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, visto que, no grupo pesquisado, a acção solidária é bilateral ou seja, umas ajudam as outras mutuamente, contrariando a definição do senso comum onde a solidariedade é vista como uma acção em que um rico ajuda ao pobre. [89]

Paulo Martins, no seu artigo intitulado "O dom como fundamento de uma cultura democrática e associativa", afirma que as relações de solidariedade possuem uma lógica dualista porque, por um lado, são movidas pela obrigação coletiva e, por outro lado, pela liberdade individual. Porém, a obrigação e liberdade são elementos de um paradoxo, porque, em todas sociedades, o egoísmo e a solidariedade operam em simultâneo nos seres humanos. Nesse sentido, os fundamentos da solidariedade só podem ser compreendidos a partir do simbolismo atribuído pelos indivíduos em interacção, visto que, a acção pública se molda fatalmente em procedimentos administrativos e mecanismos de regulamentação da prática social. [90]

Os grupos de xitique entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene são grupos de entreajuda em que, para além do valor monetário contribuído, os membros prestam solidariedade mútua em casos de existirem problemas pontuais, como por exemplo: doença, morte e casamentos. Estes grupos têm um fundo onde cada integrante deposita o valor de cinquenta meticais no final de cada mês, valor esse que é usado em caso de surgimento desses problemas pontuais.

O xitique pode se enquadrar nas relações de solidariedade na medida em que podemos observar que dentro dos grupos existem alguns mecanismos que são accionados sempre que surge algum evento como morte ou casamentos, não só dos membros do grupo, mas também quando se trata de morte ou casamento de um parente próximo. Neste sentido,

[88] CUAMBA, Denise António. "A Função Social da Prática do Xitique na Cidade de Maputo". Trabalho de Culminação de Estudos em Sociologia, apresentado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, 52 páginas, Maputo, 2008.
[89] ALMEIDA, João Carlos. "Antropologia da Solidariedade". 2007, Disponível em: http://www.hottopos.com (Acessado no dia 12 de Agosto de 2025)
[90] MARTINS, Paulo Henrique. "O dom como fundamento de uma cultura democrática e Associativa". In: Sílvia Portugal & Paulo Henrique Martins (org.) Cidadania Políticas Públicas e Sociais. Coimbra: IU, 2011.

o xitique é considerado uma estratégia para resolver diversos problemas e, dentro do grupo existe este gesto de solidariedade e acolhimento para com os seus membros, tal como nos conta a nossa entrevistada, a dona Mahigo Chuquela, vendedeira de 45 anos de idade.

> Estar neste grupo me faz sentir muito bem pois, mesmo eu não sendo daqui de Maputo e não tendo familiares aqui na cidade, através do grupo me sinto acolhida, pois criamos laços fortes, é como se fossemos irmãs mesmo. Eu entrei no grupo através de uma vizinha que vende aqui no mercado também, estou há 2 anos neste grupo, mas quando no ano passado perdi a minha mãe lá em Inhambane minha terra natal, apesar da distância não me deixaram sozinha no momento de dor, fizeram de tudo pra saíssem duas pessoas do grupo viajar comigo até lá, foi muito marcante para mim esse gesto. Com isso quero dizer que não é só pelo dinheiro que estamos nesse xitique, o principal é a contribuição sim, mas esse lado social também é fundamental para nos mantermos unidas dentro do grupo.[91]

Segundo as informantes desta pesquisa, esta rede de apoio e prestação da solidariedade entre os membros dos grupos de xitique, se manifesta por meio do fundo social criado dentro do próprio grupo, que é um valor estipulado com o consenso de todos, coletado mensalmente e guardado em uma conta, com vista a ser retirado apenas quando surge a necessidade de apoiar financeiramente alguma das integrantes do grupo.

De acordo com o relato das mulheres entrevistadas, em casos de casamento de uma das integrantes do grupo, a entrega do dinheiro a ela pode ser antecipado mesmo que não seja a vez dela receber, de modo a permitir financiar a cerimónia. Para além do montante do xitique que esta recebe por direito, existe uma contribuição que é feita entre as outras mulheres do grupo, para a compre de um presente a ser oferecido no dia do casamento. Normalmente, todas integrantes do grupo são convidadas e, quando chega o dia da cerimónia de casamento elas usam uma capulana igual como forma de identificação do grupo. E sobre isso, a dona Wanga Dimande de 43 anos de idade disse:

> Dentro dos nossos grupos de xitique temos sempre o costume de nos ajudarmos em todo tipo de situações que cada uma enfrenta na sua vida pessoal e, quando se trata de um casamento de uma de nós, ela deve avisar com antecedência e, a primeira coisa que se faz é alterar a rotatividade do recebimento do dinheiro contribuído, isso para permitir que ela receba exactamente no mês de seu casamento para poder usar o valor nas despesas da cerimónia. E também tem a parte do presente que devemos oferecer a ela

[91] Entrevista feita por Isabel Cumbane à Mahigo Chuquela, uma vendedeira de coco e Milho, de 45 anos de idade, dia 4 de Julho de 2025.

> no dia, que adquirido através de uma pequena contribuição que fazemos especificamente para aquele propósito.[92]

Em Moçambique, as cerimónias fúnebres duram no mínimo sete dias contados a partir do dia do funeral e nestes dias todos, a casa do falecido fica sempre cheia de gente, entrando e saindo, e pessoa mais próxima que permanecem na casa durante esse tempo todo para consolar a família. Por isso, em caso de morte de um membro do xitique ou parente, existe sempre um dinheiro guardado para dar apoio a família no sentido de suprir as despesas do funeral, tais como, a compra de alimentos básicos que são necessários para suportar a cerimónia até ao último dia.

A função sócio-cultural do xitique, é basicamente permitir que os membros destes grupos se beneficiem não apenas dos valores monetários ou materiais, mas também da amizade, solidariedade e convivência. Para além disso, através dos grupos de xitique, as pessoas tem a oportunidade de participar e vivenciar estes momentos de festas e convívios que são organizados por eles onde, não só se celebra o xitique, mas também se trata de uma celebração da amizade e da vida, marcados pela partilha de comidas e bebidas ao ritmo de canções religiosas e tradicionais.

O xitique pode ser considerado uma prática cultural fundamentada pela solidariedade e a ajuda mútua que vai além da questão económica. No contexto cultural, o xitique tem a função de construir e fortalecer relações familiares, de vizinhança ou entre colegas do trabalho, assim como entre vendedores dos mercados, criando um espaço para convivência, socialização e manutenção dos laços de confiança e compromisso mútuo. Através das festas, o xitique na cidade de Maputo funciona também como um espaço para a troca e transmissão de valores culturais e para o regresso às origens por meio dos cânticos entoados.

De acordo com Agostinho Nhane, no campo cultural do xitique, existem aspectos tais como a busca de mecanismos de manutenção dos valores de uma determinada sociedade, como por exemplo a obrigação que cada elemento da comunidade tem de participar em cerimónias sejam elas de casamento, aniversário, e até no caso da morte, pois é necessário acompanhar a família até ao cemitério porque dizem que

[92] Entrevista feita por Isabel Mário Cumbane, a uma vendedeira de roupa, a dona Wanga Dimande, no dia 12 de Julho de 2025.

quem não participa nesses eventos, no dia que acontece em sua família as pessoas combinam para não participarem também. [93]

Este mesmo autor afirma que, desta forma o xitique pode ser considerado uma instituição social cujo objetivo principal é manter as pessoas ligadas, promover um espaço de socialização e troca de experiência. Sendo desta forma percebido como um mecanismo para combater o individualismo em contextos urbanos e uma forma de receber a bênção em suas casas, uma vez que em casos de xitique familiar por exemplo, a visita da família principalmente dos mais velhos é como receber os antepassados que se encarnam neles e trazem para suas casas o bem-estar e a sorte.

4.3 Histórias conectadas e reforço dos laços de amizade

Ao permanecer no mesmo espaço e durante muitas horas como acontece no Mercado Xiquelene, permite que os indivíduos estabeleçam um conjunto de interacções e relações sociais entre si, que os faz formar redes de relações e de ajuda mútua. A prática de xitique entre as vendedeiras produz novas formas de relacionamento, convivência e de ajuda mútua. É por esta razão que o xitique pode também ser visto como um meio de reforço ou mesmo de construção de laços de amizade entre os membros de um mesmo grupo, através da troca, da reciprocidade e solidariedade mútua que existe dentro do grupo de xitique.

Segundo o sociólogo Alain Caillé, as redes de relações sociais são formadas através das conexões existentes entre os membros, cujas ligações podem ser por estruturas informais das relações de reciprocidade (como parentesco, compadrio, a vizinhança e a amizade) ou por estruturas formais, como a igreja, os partidos políticos, o movimento sindical, a associação, a cooperativa, entre outros. Desta forma, pode se afirmar que o xitique entre vendedeiras produz novas formas de relacionamento, convivência e de ajuda mútua, uma vez que, através do grupo de xitique, elas tendem a ficar cada vez

[93] NHANE, Agostinho João. "Dinâmicas do Xitique entre Vendedores do Mercado 25 de Setembro no Bairro Patrice Lumumba, na Província de Maputo". Trabalho de Culminação de Estudos apresentado no Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universodade Eduardo Mondlane: Maputo, 2013.

mais próximas e solidárias umas com as outras face a qualquer problema que possa emergir.[94]

A prática do xitique que começa normalmente como um mero mecanismo financeiro de poupança em grupo, ela reproduz ao longo do tempo, várias conexões entre as diferentes histórias das mulheres do xitique e, novas formas de relacionamento e convivência vão se construindo ao longo do tempo. Para compreendermos essas conexões, é importante levar em consideração que as mulheres do xitique no Mercado Xiquelene são provenientes de lugares distintos e antes de chegar àquele local elas passaram por diferentes processos históricos.

Christian De Vito, afirma que os processos históricos são resultados de múltiplas praticas sociais ao longo do tempo e em lugares distintos e conexos.[95] O autor acima citado mostra no seu texto intitulado "História sem escala: A perspectiva micro-espacial", que as singularidades são conectadas, e no caso das mulheres do xitique, apesar de suas singularidades, elas são interconectadas através do dinheiro e dos bens adquiridos no xitique que circula entre elas.

A partir do momento em que entram em um grupo de xitique, as mulheres vendedeiras do Mercado Xiquelene desenvolvem, entre elas, relações que vão para além da solidariedade mútua e do xitique, muitas vezes, estas mulheres do mercado se tornam amigas e cada vez mais próximas, mantendo sempre o contato mesmo quando estão fora do mercado. Criam oportunidades de encontros fora do ambiente do mercado e promovem visitas aos finais de semana como forma de conhecerem as casas das integrantes do grupo de xitique em que estão envolvidas, como conta a vendedeira Hawa Matusse de 50 anos de idade:

> Quando entrei neste grupo de xitique, no começo senti-me um pouco isolada porque não conhecia bem as outras senhoras do grupo, até que posso dizer que nos conhecemos porque todas nós vendemos aqui no mesmo mercado, mas não costumávamos conversar muito. Mas com esse grupo de xitique que criamos, passamos a conversar mais umas com as outras e a conviver mais, ficamos próximas que até decidimos passar a nos encontrar mesmo fora daqui do mercado e conhecermos as casas das outras vendedeiras.[96]

[94] CAILLÉ, Alain. "Antropologia do Dom". (2ª edição) Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
[95] DE VITO, Christian. "História sem escala: A perspetiva micro-espacial" in Territorios da História. Vendrame. M e Karsburg,A. São Paulo: Alameda, Pp.242, 2023.
[96] Entrevista feita por Isabel Máio Cumbane a uma mulher vendedeira chamada Hawa Matusse, vendedeira de roupa, de 50 anos de idade, no dia 10 de Julho de 2025.

Enquanto desenvolvem suas actividades dentro do Mercado Xiquelene, as mulheres vendedeiras, formam grupos de xitique que vão para além da poupança, mas, estes grupos também possuem um carácter sócio-cultural, visto na medida em que eles tem sido um meio de promover a interacção e o convívio dos membros destes grupos por meio da realização das festas do xitique. As participantes do xitique no mercado, estão, de certa forma, ligadas umas as outras por uma obrigação recíproca, que é manter o seu grupo de xitique unido não só pelo valor da poupança que é contribuído, mas também unido pela partilha de experiencias quotidianas da vida.

A interacção feita através da troca e circulação de dinheiro e bens verificada entre as mulheres do xitique em Moçambique, é que permite e faz com que haja uma conexão entre as diferentes singularidades destes sujeitos envolvidos na pratica. E essa conexão não se dá somente pela convivência diária, mas também pela partilha de histórias e experiências de vida.

Francesca Trivellato, no seu artigo intitulado" Casamento, Capital comercial: Famílias transregionais sefarditas (e arménias) no Mediterrâneo dos séculos XVII e XVIII" nos mostra a maneira como as redes familiares e comerciais se entrelaçavam no contexto do comércio transregional. Ela estuda histórias conectadas à medida em que argumenta ao longo de seu artigo que, essas famílias que pesquisava criaram redes muito complexas que atravessavam fronteiras geográficas e culturais, facilitando assim o fluxo de bens.[97]

E no caso das mulheres do xitique em Xiquelene, também nos deparamos com a formação de redes, que, no caso, são redes de solidariedade e ajuda mútua entre as integrantes dos grupos de xitique, e é bem visível que estas vão muito além das fronteiras do Mercado.

David Webster, no seu trabalho intitulado" A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique", afirma que a reciprocidade desse tipo que se verifica entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, reside no fato de que, os indivíduos pertencentes a um determinado grupo trocam entre si,

[97] TRIVELLATO, Francesca. "Casamento, capital comercial e Agentes de Negócios: Familias Transregionais Sefarditas (E Armênias) no Mediterrâneo dos seculos XVII e XVIII, in Territorios da História. Vendrame. M e Karsburg,A. São Paulo: Alameda, Pp.242, 2023.

bens e serviços a um nível que ultrapassa a transacção económica ou comercial, e uma afirmação simbólica de igualdade e de que existe confiança. O facto de os indivíduos permanecerem num mesmo espaço, durante longas horas, como acontece no mercado Xiquelene, faz com que estes estabeleçam um conjunto de interacções e relações sociais.[98]

Para além das trocas materiais que a prática do xitique pressupõe, nos grupos entre as mulheres vendedeiras podemos ver também, algumas trocas simbólicas como, troca de valores morais, ideias e experiências, sendo que estas trocas decorrem no âmbito das interacções que se estabelecem entre estas mulheres durante a sua actividade quotidiana (o comércio). Sobre esta questão de trocas de experiencias e valores morais, uma da vendedeiras, a dona Guida Honwana, vendedeira de roupa, de 40 anos de idade, disse:

> Desde que começamos a fazer o xitique entre nos que vendemos roupa aqui dentro do mercado, ficamos mais próximas umas das outras, até posso dizer que viramos amigas e nos confiamos cada vez mais que até conversamos muito sobre muitas coisas da nossa vida fora daqui. As vezes não temos tido muita chance para conversar por causa dessa agitação aqui no mercado, mas, nos momentos em que não aparecem clientes nas nossas bancas, aproveitamos e passamos esse tempo a conversar sobre as coisas que acontecem connosco quando saímos daqui, nas nossas casas e nos contamos os nossos problemas e partilhamos também as coisas boas que nos acontecem.[99]

A partir dos depoimentos colhidos durante a pesquisa de campo no interior do mercado, foi possível que dentro dos grupos de xitique existentes no mercado Xiquelene existe um conjunto de relações sociais que estas mulheres vendedeiras estabelecem entre elas no dia-a-dia no contexto do exercício das suas atividades. E estas relações não envolvem apenas aquilo que acontece naquele local em que elas se encontra e realizar a atividade de comércio, pois durante as suas conversas elas partilham as coisas que lhes acontecem nas suas casas ou em outros locais quando estão fora do mercado.

O que leva as mulheres a exercerem a atividade de comércio na cidade de Maputo é a necessidade de sobrevivência em meio à diversas adversidades que elas enfrentam, mas, uma vez no mercado, as vendedeiras se deparam com a

[98] WEBSTER, J. David.” A sociedade Chope: Indivíduo e aliança no Sul de Moçambique 1969-1976”. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais,2009.
[99] Entrevista feita por Isabel Máio Cumbane a uma mulher vendedeira chamada Guida Honwana, vendedeira de roupa, no dia 10 de Julho de 2025.

necessidade de interagir entre si, o que faz com que o mercado seja um espaço de interacção social e trocas culturais. Os aspectos como cooperação e inter-ajuda estão presentes no quotidiano nas relações entre as vendedeiras e são determinantes para a sua integração dentro do mercado.

As relações entre essas mulheres que são vendedeiras ali no Mercado Xiquelene, são maioritariamente movidas pelo sentimento de pertença e pelos objectivos comuns que as mulheres perseguem no mercado. A partir das observações feitas no campo se percebe que quando vão para o mercado, as mulheres vendedeiras possuem um determinado objetivo mas, no desenrolar das suas interacções acabam formando redes de relações sociais que vão para além dos objectivos que perseguem e se traduzem na solidariedade de quem necessita.

A partir dos dados colhidos durante a pesquisa de campo no Mercado Xiquelene, na cidade de Maputo, compreendemos o xitique como uma prática sócio-cultural profundamente enraizada em Moçambique, especialmente na região sul do país. Caracterizada pela realização de encontros periódicos entre os membros dos grupos, o xitique transcende a mera contribuição de valores monetários e a confraternização, assumindo um papel crucial na coesão social, na resolução de conflitos e na transmissão de valores culturais.

5. Considerações Finais

Na temática proposta neste trabalho, procurei analisar a prática de xitique em Moçambique, particularmente entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, na cidade de Maputo, no período compreendido entre 1992 a 2024.

No primeiro capítulo trouxe o processo histórico social da constituição e configuração espacial do Mercado Xiquelene, descrevendo sua caracterização física, e também, o percurso das mulheres que fizeram parte desse estudo, procurando entender sua relação umas com as outras e com o próprio mercado onde elas desenvolvem suas atividades diariamente.

O capítulo mostrou que o Mercado Xiquelene surgiu por volta de 1992 num pequeno espaço próximo à Praça dos Combatentes, e ao longo do tempo ele cresceu e se expandiu até invadir o local da praça, sendo considerado atualmente como um dos maiores mercados informais da cidade de Maputo.

Nele foi possível também constatar que, no contexto do Mercado Xiquelene, as mulheres desempenham um papel crucial no comércio informal, enfrentando diariamente desafios e oportunidades únicas e que, essa participação feminina no setor informal tem sido muito significativa, e é motivada pela busca por autonomia financeira e também pela falta de alternativas no setor de trabalho formal. E, em relação ao percurso das mulheres neste mercado e nesta atividade de comércio, a partir dos depoimentos das entrevistadas, foi possível perceber que, a maioria delas chegou lá por intermédio de amigos ou familiares e, muitas vezes, como funcionárias que trabalhavam para outras pessoas e enfrentavam diversos desafios ligados às condições de trabalho em que se encontravam sujeitas.

No segundo capítulo trouxe uma descrição da prática de xitique entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene. fizemos uma reflexão sobre o xitique como uma rede social e sobre os tipos de xitique existentes e praticados em Maputo. Ainda no mesmo capítulo, apresentamos o estudo de caso do grupo “liranzo”, um dos maiores grupos de xitique que encontramos dentro do Mercado Xiquelene. A partir dos dados colhidos ao longo da pesquisa do campo, constatei que o xitique é um sistema informal de poupança e ajuda mútua ao qual a população moçambicana, em particular as mulheres, recorre para resolver os problemas económicos que surgem no dia-a-dia.

O terceiro capítulo trouxe uma refexão em torno do xitique como prática sócio-cultural, onde, procurei descrever e refletir sobre as festas de xitique organizadas pelas mulheres e os rituais nelas envolvidas. As entrevistas com os grupos de xitique me permitiram perceber que essas festas representam um momento de socialização, aproximação e união entre as mulheres do grupo, além de serem marcadas por momentos de partilha de comidas e bebidas, cânticos, danças, conversas descontraídas, que incluem rituais de higiene tais como lavar as mãos, que simboliza a limpeza delas depois de pegar o dinheiro, e a separação entre a parte da troca financeira e a parte festiva do encontro.

A prática do xitique, que começa normalmente como um mero mecanismo financeiro de poupança em grupo, ela reproduz ao longo do tempo, várias conexões entre as diferentes histórias das mulheres do xitique e, novas formas de relacionamento e convivência vão se construindo ao longo do tempo. E, ainda, neste capitulo, constatamos que, a interacção feita através da troca e circulação de dinheiro e bens verificada entre as mulheres do xitique em Moçambique, é que permite e faz com que haja uma conexão entre as diferentes singularidades destes sujeitos envolvidos na pratica. E essa conexão não se dá somente pela convivência diária, mas também pela partilha de histórias e experiências de vida.

Ao longo desta pesquisa, procuramos nos debruçar em torno da prática de xitique entre as mulheres vendedeiras no Mercado Xiquelene, onde destacamos e refletimos sobre os diversos elementos que estão presentes dentro dos grupos das mulheres envolvidas nesta prática. A partir da pesquisa bibliográfica e dos depoimentos colhidos entre as mulheres do mercado durante o trabalho de campo, entendemos que o xitique vai muito além de ser apenas um mecanismo financeiro de poupança para adquirir bens materiais. Dentro dos grupos podemos encontrar vários elementos que transcendem a questão económica, como por exemplo, a ajuda mútua que ocorre entre os membros do grupo em caso de surgimento de problemas inesperados como morte.

A partir dos dados colhidos durante a pesquisa de campo no Mercado Xiquelene, na cidade de Maputo, compreendo o xitique como uma prática sócio-cultural profundamente enraizada em Moçambique, especialmente na região sul do país. Caracterizada pela realização de encontros periódicos entre os membros dos grupos, o xitique transcende a mera contribuição de valores monetários e a confraternização,

assumindo um papel crucial na coesão social, na resolução de conflitos e na transmissão de valores culturais.

Desta forma, constatamos que o xitique é uma prática sócio-cultrural de poupança e ajuda mútua em grupo, baseada na confiança entre os membros dos grupos, onde eles contribuem periodicamente com dinheiro ou bens materiais, para alcançar objetivos comuns e superar alguns desafios. Ao mesmo tempo o xitique funciona também como um sistema de crédito informal e um meio de fortalecer a união entre os indivíduos e os laços sociais dentro das comunidades.

6. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. "O que documenta a fonte oral" publicado como "o que documenta a fonte oral: a ação da memória" em Alberti, Verena. Ouvir Contar. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV Ed, 2004, Pp. 35,1996.

ALMEIDA, João Carlos. "Antropologia da Solidariedade". 2007, Disponível em: http://www.hottopos.com (Acessado no dia 12 de Agosto de 2025).

Balai Cabo Verde. "Totocaixa: Um mecanismo informal de crédito cada vez mais utilizado em Cabo Verde". 16 de Abril, 2023. Disponível em: https://www.balai.cv/noticias.

BOHN, José Plácio. "Quando tocam os tambores: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas". CANOAS, 2009.

Braudelott, J. "O Kula de Malinowski". In Repensando a história da economia. Lisboa: Edições 70, 1992.

CAILLÉ, Alain. "Antropologia do Dom". (2ª edição) Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CANGUIA, Tânia Hunguissa Sonde. "O Contrato de Kixikila: Sua natureza jurídica e efeitos". Trabalho de Conclusão de curso: Universidade Católica de Portugal, 2017.

CASIMIRO, Isabel Maria e DE SOUTO, Amélia Neves. "Emponderamento Económico da Mulher, Movimento Associativo e Acesso a Fundos de Desenvolvimento Local". Maputo: Centro de Estudos Africanos, UEM,203 páginas,2010.

CASIMIRO, Isabel. "Paz na terra, Guerra em casa" Feminismo e organizações de Mulheres em Moçambique. Universidade Federal de Pernambuco. 376 páginas, 2004.

CRUZ e SILVA, Teresa. "A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho". O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal ASSOTSI. Genebra: Bureau Internacional.2005.

CRUZ e SILVA, Teresa. "Solidariedades Sociais e Novos Desafios de Mitigação aos Impactos do HIV/SIDA nas zonas rurais em Moçambique", Maputo, Centro de

Estudos Africanos,2004.

CRUZ E SILVA, Teresa. Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, out. 2002, 75-89.

CUAMBA, Denise António. "A Função Social da Prática do Xitique na Cidade de Maputo: O Caso do grupo Ntwanano". Trabalho de Culminação de Estudos em Sociologia, apresentado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, 52 páginas, 2008.

CUNHA, Teresa. A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideia. Feminismos e descolonização das teorias económicas contemporâneas, in Teresa Amal: Ensaios pela Democracia, Justiça, Dignidade e Bem-viver. Edições Afrontamento, Lda (Porto), Pp. 74-97,2011.

CUNHA, Teresa. O xitique delas: Um ensaio feminista pós-colonial sobre o xitique em Moçambique. CEA-Universidade Eduardo Mondlane,2004.

DAVA, Gabriel, LOW, Jan e MATUSSE, Cristina. " Mecanismos de ajuda mútua e redes sociais de protecção social: Estudo de caso das províncias de Gaza, Nampula e cidade de Maputo." In: Pobreza e bem-estar em Moçambique. Maputo: Ministério do Plano e Finanças/Universidade Eduardo Mondlane/ Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares, pp. 316-370,1998.

DE VITO, Christian. "História sem escala: A perspectiva micro-espacial" in Territórios da História. Vendrame. M e Karsburg,A. São Paulo: Alameda, Pp.242, 2023.

ESPÍRITO SANTO, Armindo. Empresário, ambiente cultural e desenvolvimento em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: os rabidantes de Santiago e os candongueiros de São Tomé: uma abordagem comparativa das suas dinâmicas. 2011. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

GOMES, Patrícia. As mulheres no sector informal: experiências da Guiné-Bissau. Ciclo de encontros sobre empreendedorismo - Newsletter1.Évora,2012,pp.1-22.Disponívelem:https://www.cisaas.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Patricia%20Gomes.pdf. Acesso em: 15 Maio. 2025.

IBRAIMO, Maimuna. A contribuição da mulher no crescimento económico em Moçambique. Um exercício da contabilidade do crescimento. Maputo: IESE, 32 p, 2007.

Jornal Verdade. "Xiquelene: Um mercado Parasita". 16 de Julho,2016. Disponível em https://verdade.co.mz. Acessado em 7 de Julho de 2025.

LOFORTE, Ana. Género e poder entre os Tsongas de Moçambique. [Tese de Doutoramento]. Lisboa: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE), 1996.

MAIA, Rui Leandro. "Migrações e Redes de relações sociais em meio urbano: Um exemplo a partir do Porto." Revista de Demografia Histórica XX(I):53-80,2002.

MATLAVA, Geraldo Armando. "Redes de Entreajuda e Relações de Reciprocidade: Um Estudo sobre xitique familiar praticado por famílias residentes na cidade de Maputo". [Tese de Licenciatura], Maputo: Universidade Eduardo Mondlane,2012.

MARTINS, Paulo Henrique. "O dom como fundamento de uma cultura democrática e Associativa". In: Sílvia Portugal & Paulo Henrique Martins (org.) Cidadania Políticas Públicas e Sociais. Coimbra: IU, 2011.

Mauss, M. "Sociologia e Antropologia." São Paulo: Edusp. Vol. II, 1974.

Mazula, Brazão. Moçambique, Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Cap. X: A Mulher, SE. 1995.

MITCHEL, Clyde. Social Network in Urban Situations: Analysis of Personal Relationship in Central Africa Towns. Manchester: Institute for African Studies, pp.1-50, 1969.

NHATSAVE, Noémia André. Mecanismos Informais de protecção social em Moçambique: O caso de xitique. [Tese de Licenciatura]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2011.

NHANE, Agostinho J."Dinâmicas do xitique entre Vendedeiras do Mercado 25 de Setembro no Bairro Patrice Lumumba na província de Maputo. Trabalho de Culminação de Estudos em Antropologia. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, 43 páginas, 2013.

OPPENHEIMER, Jochel, e RAPOSO, Isabel.“ Estratégias de sobrevivência nas margens da capital” In: A pobreza em Maputo-A cooperação direccionada para os grupos vulneráveis no contexto da concentração urbana acelerada, colecção cooperação, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Lisboa, 2002.

Paganini, Nicole. & Ouana, Rosa da Fernanda. "Mercados Locais na Província e Cidade de Maputo". SLE Study, 2019.

PORTELLI, Alessandro. “História Oral como arte da escuta”. São Paulo: Letra e Voz, Cap 1. Pp. 9-25,2016.

PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271. pdf(Acesso em: 10 de Janeiro de 2025), 2021.

RATILAL, Prakash. “ Moçambique 10 anos de paz”, organizado por Brazão Mazula, Centro de Estudo de Democracia e Desenvolvimento, Maputo, Moçambique, 2002.

RODRIGUES, Humberto Jamal. “Mercado como território social: Estudo sobre as redes sociais entre as vendedeiras de bebidas alcoólicas no mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo”. [Dissertação de Licenciatura]. Maputo: Departamento de Sociologia/UEM, 2012.

SARMENTO, Enilde. O papel da Mulher no Desenvolvimento: O caso de Moçambique. Comunicação apresentada na Conferencia Internacional sobre Mulheres e Desenvolvimento (Madrid-Espanha), Pp-2-8, 2011.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. A arte de comerciar: género, identidades e empoderamento feminino no comércio informal transatlântico das rabidantes cabo-verdianas. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TAFULA, Rosa Alberto. “Estratégias de Negócio Informal no Mercado Malanga, cidade de Maputo, Moçambique”. Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane: Maputo, 2023.

TRINDADE, Catarina Casimiro. Além do Económico: Reflexões sobre os significados do Xitiki, uma prática informal de poupança e crédito rotativo de Maputo, Moçambique. Dissertação de mestrado, Pp.286-307, 2015.

TRINDADE, Catarina Casimiro. Convívio e Solidariedade: Prática de Xitique em Moçambique. II Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Bahia: Universidade Federal na Bahia/Campus de Ondora, pp.1-12, 2011.

TRINDADE, Catarina Casimiro. "Uma maneira de passarmos a conviver: Descrição de um xitique familiar na cidade de Maputo, Moçambique(2013-2015)". In Revista de História (São Paulo), num.178, 2019.

TRIVELLATO, Francesca. "Casamento, capital comercial e Agentes de Negócios: Famílias Transregionais Sefarditas (E Armênias) no Mediterrâneo dos séculos XVII e XVIII, in Territórios da História. Vendrame. M e Karsburg,A. São Paulo: Alameda, Pp.242, 2023.

WEBSTER, J. David." A sociedade Chope: Indivíduo e aliança no Sul de Moçambique 1969-1976". Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais,2009.